



REBELDES À DERIVA

GUILHERME MÜLLER



16 DE MARÇO DE 2023

“Li um estudo que mediu a eficiência de locomoção para várias espécies do planeta. O condor é o que menos usa energia para se locomover em um quilômetro. Os humanos ficaram numa posição bem inexpressiva na terça parte final da lista Isso não parece muito bom, mas então alguém na Scientific American teve o discernimento para testar a eficiência de locomoção de um homem em uma bicicleta... e um homem em uma bicicleta ultrapassou o condor com ampla margem. Isso é o que é um computador para mim: o computador é a ferramenta mais incrível que já inventamos. É o equivalente a uma bicicleta para nossas mentes.”

Steve Jobs (1955-2011)

“A ideia não é viver para sempre; é criar algo que viverá.”

Andy Warhol (1928-1987) artista norte-americano

Sumário

1. A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.....	4
2. O VALE DO SILÍCIO	15
3. O DNA GENÉTICO DE UMA MÁQUINA.....	31
4. O CHIP CEREBRAL	46
5. REBELDES À DERIVA	61
6. A REALIDADE VIRTUAL.....	78

1. A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

– Consegui terminar o código! – diz Manuela bem baixinho à sua amiga, para não atrapalhar a aula da professora.

– Mas que código Manu?... Do que é que você está falando?

– Já estou trabalhando nele há algum tempo... não te falei antes, pois não sabia se eu seria capaz de finalizá-lo, então...

– Eih!... Mocinhas!... Será que vocês poderiam prestar atenção nessa aula?... A não ser que vocês estejam programando algo melhor e que queiram compartilhar com a turma. Muito obrigada!

– Já que a senhora tocou no assunto, professora... – Manuela sente um pequeno beliscão de sua amiga no braço – Acabei de finalizar um código para a inteligência artificial.

– Mas isso é simplesmente impossível!... – retruca enfaticamente à professora – Porque vocês só vão ter as matérias sobre a inteligência artificial no oitavo período.

– Mas já me adiantei! – sorri Manuela ao sentir mais um beliscão de sua amiga.

– Pois então mocinha... você vai fazer um favor aos seus colegas de turma e vai se retirar de minha aula imediatamente... me escutou bem?

– Tudo bem! – se levanta calmamente Manuela, vendo a expressão perplexa de sua amiga – Não vou sair somente de sua aula professora... Acho que já passou da hora de eu sair desse curso também.

– Como se atreve a me responder mocinha?

– É bem simples... – Manuela coloca o seu notebook aberto na mesa da professora – depois desse código que eu acabei de escrever... a inteligência artificial mudará para sempre.

– Como você pode ter tanta certeza assim? – pergunta à sua professora, sentindo em seu hálito, um certo gostinho de curiosidade.

– Estabeleci um código de ética para que a máquina não se transforme em algo ruim.

– Mas e quanto ao seu notebook?

– Não se preocupe professora... Deixe-o na recepção que pego amanhã, tudo bem?

– Mas como essa menina é convencida, não acham?

– Ela sempre foi assim! – também se levanta Fernanda, já tentando alcançar a amiga no corredor.

– Mas alguém quer desistir desse curso e segui-las?

– O que deu em você Manu? – pergunta Fernanda, um pouco esbaforida por tentar acompanhá-la pelo corredor.

– Já estou de saco cheio disso tudo, sabe?... Acho que não nasci para fazer esse curso. A partir de agora vou tentar abrir a minha própria empresa de inteligência artificial.

– Mas como?

– Tenho minhas economias Fê... Vou usar o dinheiro que os meus pais guardaram para que eu fizesse esse curso.

– Mas eles vão deixar você fazer isso? – pergunta Fernanda, muito preocupada com aquela situação.

– Vão ter que deixar, pois não sou mulher de voltar atrás, então...

– E por onde você vai começar?

– Vou abrir minha empresa em casa mesmo, afinal... Todas as grandes empresas de tecnologia começaram na garagem de alguma fundadora maluca... não é isso o que dizem por aí?

– Você só pode estar de brincadeira comigo – sorri Fernanda já sabendo que teria que abandonar aquele curso também.

*

– O que desejam?

– Gostaríamos de trancar o curso de tecnologia da informação, por favor... – responde Manuela, com uma alegria enorme em seu rosto.

– Carteiras de Identidade, por favor...

– Aqui está a minha! – se adianta Fernanda, surpreendendo a sua amiga.

– Aonde coloquei a minha?... – Manuela fica um pouco perdida em sua própria bagunça

– Achei!... Aqui está ela, minha querida.

– Vocês têm certeza dessa decisão?... Porque depois que eu der baixa na matrícula de vocês não tem mais volta.

– Sim! – responde Manuela com muita convicção em sua voz.

– Vou gerar uma taxa de 12 reais pelo trancamento do curso... – comunica a funcionária do campus – Um momento, sim?

– Vai ser o dinheiro mais bem gasto de nossas vidas... – brinca Manuela notando o ar de apreensão de sua amiga – Você vai ver!

– Só espero que os meus pais não me matem depois disso – diz Fernanda, ao entregar aquela singela quantia.

– Não se preocupe! Te dou cobertura... se quiser pode ir morar na minha casa depois disso, o que acha?

– Prontinho senhoritas!... Aqui estão os comprovantes do trancamento do curso. Boa sorte com os novos empreendimentos.

– Obrigada! – responde Manuela com um sorriso enorme em seu rosto.

– Espero que estejamos fazendo a coisa certa.

– Não se preocupe!... Será a melhor decisão de nossas vidas... você vai ver!

*

– A aula terminou mais cedo hoje Manu?

– Não mãe... saí mais cedo porque resolvi trancar o curso.

– Como é que é Manu?

– Isso mesmo! Eu e a Fernanda resolvemos trancar o curso, pois eu consegui fazer um código de ética totalmente inédito para a Inteligência Artificial.

– Você só pode estar de brincadeira comigo...

– Não estou mãe... vou começar a minha nova empresa aqui de casa mesmo e aí depois expandimos.

– Vou ligar para o seu pai agora mesmo.

– Sinta-se à vontade!... Mas antes de qualquer coisa eu não vou voltar atrás, viu?... É a minha vida e essas são as minhas escolhas e além do mais... você não pode simplesmente interferir nelas.

– Mas como você está abusada em Manu?

– O que houve gente?

– Oi tia!

– Você veio cedo hoje eih? – Marcela desce pelas escadarias laterais de sua casa.

– É porque ela resolveu trancar o curso junto com a sua amiga – lhe explica a sua irmã.

– O quê?... – sua tia também fica sem entender aquela decisão – Mas o curso é a sua vida Manu.

– Também achava isso tia... mas acabei desenvolvendo algo muito melhor do que o curso, então... resolvi trancá-lo de vez.

– Não me diga que você trancou o curso Manu? – pergunta a senhora Vanise, já tendo escutado toda a conversa da cozinha.

– Tranquei sim vó!

– É melhor você ligar para o pai dela imediatamente Thaise – a senhora Vanise se aflige muito com toda aquela situação.

– Mas é isso que eu estou tentando fazer, mas ele não atende...

– Ele deve estar trabalhando – tenta adivinhar Marcela.

– Graças à Deus! – Thaise respira muito mais aliviada, por escutar a voz de seu ex marido.

– Me Desculpa!... Eu não atendi antes porque eu estava em uma reunião de trabalho.

Aconteceu alguma coisa?

– Infelizmente...Sim! A Manu resolveu trancar a faculdade.

– O quê?... Mas eu pensei que ela estava gostando muito desse curso.

– Pois é!... Achávamos a mesma coisa aqui em casa também, mas...

– E ela te disse o que quer fazer a partir de agora?

– Ela está decidida a abrir a sua própria empresa.

– Tal pai tal filha! – Manuel solta uma pequena gargalhada do outro lado da linha, já tendo consciência de que seria repreendido por aquilo.

– Isso não tem graça nenhuma Manuel... É sério!

– Passe para a Manu, um instante...

– Seu pai na linha...

– Oi Pai!

– Você pode me explicar o que está acontecendo por aqui?

– Não é nada demais pai... Eu só acabei de criar um novo código de ética para a Inteligência Artificial.

– E não passou pela sua cabeça que você poderia continuar no curso que tanto gosta?

– De jeito nenhum! Pois isso que eu acabei de criar vai revolucionar o modo como vemos a Inteligência Artificial.

– Me explique melhor isso... – Manuel acaba impedindo que a sua secretária entre em sua sala, naquele momento.

– Criei um novo código de ética onde a máquina de Inteligência Artificial conseguirá discernir em todas as situações o que é certo e o que é errado a ser feito.

– Mas isso é muito interessante filha... Mas continue, por favor.

– Então pai... Eu estava trabalhando nisso por uns seis meses e finalmente... eu consegui terminar o código hoje.

– Meus parabéns filha! Fico muito feliz por você. Não fale nada para a sua mãe, mas... quando eu estava cursando publicidade e marketing na faculdade eu acabei fazendo a mesma coisa no meio do curso, então... no final das contas... você decidiu seguir os passos de seu pai também.

– Mas que loucura! – Manuela se surpreende com aquela notícia de última hora – Mas você nunca me contou essa história pai.

– Estou te contando agora!

– Será que você poderia me dar uma forcinha pai?

– Mas é claro!... Se esqueceu de que eu estou aqui para isso?

– Vou precisar de 400 mil em investimentos iniciais pai... Você pode me ajudar com essa quantia?

– Vou fazer um pix para a sua conta agora mesmo.

– Obrigada pai!... Te amo, tá?

– Também te amo filha.

– Você eih?... – Thaise pega o seu celular da mão de sua filha, ficando um pouco enciumada com toda aquela demonstração de carinho – Sempre passando a mão na cabeça dela... Assim como ela vai aprender alguma coisa na vida?

– Ela só quer abrir a própria empresa Thaise... Assim como eu fiz há algum tempo atrás, ou você vai me dizer agora que já se esqueceu disso também?

– É claro que não! Me separei de você por causa disso, se esqueceu?... Até logo Manuel.

*

– O que deseja senhorita? – pergunta o porteiro do condomínio.

– Gostaria de ir até a casa da minha amiga Manuela – diz Fernanda ao abrir o vidro do seu carro.

– Seu nome é?

– Fernanda Mayworm.

– Um momento... Sim?

– Tudo bem! Sem problemas...

– Senhora Vanise?... Tudo bem?... Desculpe estar te incomodando à essa hora, mas... tem uma amiga da sua neta aqui na portaria de carro... Isso mesmo! O nome dela é Fernanda Mayworm... Posso liberá-la?... Ok!... Tenha um bom dia senhora Vanise... Pode subir senhorita Mayworm

– Muito Obrigada!

*

– Mas o que aconteceu?... – pergunta Manuela, na entrada de sua casa, vendo toda aquela aflição estampada no rosto de sua amiga – Você está bem Fê?

– Acabei de ser expulsa de casa... – Fernanda retira toda a sua bagagem do carro – Quando eu falei para os meus pais que tinha saído do curso, eles simplesmente enlouqueceram.... Dá para acreditar nisso?

– Mas que absurdo! – Manuela não se conforma com aquilo.

– Será que eu poderia passar uma temporada aqui com você? – pergunta Fernanda sem saber o que fazer.

– Mas é claro que pode... e já tenho ótimas notícias para a nossa empresa.

– Só espero que sejam notícias boas... – Fica muito curiosa Fernanda.

– E são! O meu pai acabou de investir 400 mil reais na gente. Isso não é incrível?

– Mas que notícia fantástica!... Só não sei como vamos investir todo esse dinheiro – Fernanda fica um pouco apreensiva.

– Não se preocupe! Eu já sei o que vamos fazer... Vamos usar esse dinheiro para contratarmos mais pessoas qualificadas para a empresa, e o restante... investimos na fabricação de um robô que possa executar todas as funções que queremos. O que acha da ideia?

– É uma ideia excelente! Só não esperava ter que construir um robô... Estava pensando que você iria querer patentear o seu novo código de ética para a Inteligência Artificial, e assim, ir melhorando o software com atualizações periódicas.

– Felizmente quero fazer algo mais grandioso... que irá revolucionar a Inteligência Artificial para sempre e para isso... estou pensando em contratar algumas pessoas que estão cursando Tecnologia da Informação ou Ciências da Computação, o que acha?... Pois assim não precisaremos pagar muito para uma pessoa que já está formada nessas áreas.

– Então será uma espécie de estágio preliminar antes da contratação?

– Exato!

– Já tem alguns nomes em mente? – pergunta Fernanda já pensando em possíveis candidatas.

– Por enquanto três... Simone, Patrícia e Pamela... e quanto à você?

– Estava pensando nelas também... Não foram essas três garotas que produziram aqueles três motores elétricos? – pergunta Fernanda tentando se lembrar de mais alguns detalhes do campus.

– Foram sim!... Elas são brilhantes!... O primeiro motor elas colocaram em uma Renault Stepway, o segundo foi em um Renault Clio e o terceiro foi em um Pálio Weekend. Dá para acreditar nisso?... E ainda por cima os três carros ficaram com uma autonomia de 1.200 km por cada recarga. Isso não é impressionante?

– As vezes é até difícil de acreditar.

– Pelo visto sua amiga foi expulsa de casa... – fala alto Thaise, vendo todas aquelas malas na rua – Era isso o que eu tinha que fazer com você também mocinha.

– Se você fizesse isso mãe, eu iria morar com o meu pai em São Paulo.

– Não vou admitir que você me desrespeite na frente de suas amigas, me escutou bem?

– Tanto faz... – responde Manuela desviando o seu olhar.

– Quer dizer então que teremos que dar abrigo a mais uma rebelde é?

– Exato!... Iremos mudar o mundo de qualquer forma, então você não tem escolha.

– Não se preocupe senhora Thaíse... assim que eu arrumar um pouco de grana eu alugo um apê.

– Isso não vai demorar muito Fê... – Manuela tenta deixá-la confiante com aquela nova empreitada.

*

– Impressionante!... Seu novo código de ética para a Inteligência Artificial está perfeito – diz a professora Mara, lhe entregando o seu computador como o prometido – Eu analisei o código ontem à noite e não encontrei erro nenhum... Meus parabéns!

– Muito Obrigada Professora!

– Do que precisa agora?

– Bem... Estou precisando de mais gente para integrar a minha nova empresa.

– Entendo... Mas você não está pensando em retirar mais gente desse curso, está?

– se preocupa à professora, com a repercussão que aquilo poderia dar.

– Não! Não se preocupe quanto à isso... Pois preciso de pessoas que terminem esse curso... mas preciso das melhores nesse projeto.

– Já tenho três nomes em mente para você... Simone, Patrícia e Pamela... O que acham?

– A Fernanda já me disse o que elas fizeram com aqueles três carros... Elas me parecem pessoas geniais.

– Assim como vocês! – a professora Mara sorri para as suas alunas, ficando muito orgulhosa de todas elas.

– Vamos montar uma boa equipe Manu – diz sua amiga Fernanda com muita confiança.

– Em que aula elas estão? – pergunta Manuela, querendo recrutá-las o quanto antes.

– Espere um momento!... Vocês já têm um nome para essa empresa de Inteligência Artificial? – pergunta à professora Mara.

– Temos sim!...

– Vai se chamar Lola – se adianta Fernanda.

– Mas por quê esse nome? – fica um pouco curiosa à professora Mara.

– Eu era apaixonada por uma menina na infância que se chamava Paola... – explica Manuela, ficando um pouco envergonhada de ter que se assumir bissexual na frente de sua professora.

– Estávamos pensando em fazer um robô que pudesse ultrapassar a espécie humana em inteligência – Fernanda tenta mudar de assunto, com a intenção que sua amiga voltasse ao foco.

– Mas vocês sabem que isso pode ser algo muito perigoso, não sabem? – alerta à professora Mara.

– Sabemos! Mas com esse novo código de ética que eu criei à Lola com toda a certeza, saberá escolher sempre o melhor caminho para o bem da sociedade – explica Manuela de uma forma bem convincente.

– Só tomem muito cuidado com isso... Pois já cansei de ver diversos casos de robôs que depois de um certo tempo começam a querer substituir à espécie humana.

– Fique tranquila professora... Acho meio difícil isso acontecer, mas nós vamos tomar cuidado – diz Manuela, notando toda a preocupação de sua amiga em relação aquilo também.

– Se vocês quiserem... eu posso entrar na empresa como uma simples coordenadora de projetos... o que acham?

– Excelente ideia! – responde Fernanda, respirando muito mais aliviada agora.

– Já temos mais uma integrante em nossa nova empresa... – Manuela lhe abraça fortemente, ficando muito mais tranquila que a partir daquele momento, não tenha ficado nenhum atrito entre ela e a sua professora.

– Elas estão na aula de programação de ciências da computação – avisa à professora às suas duas estudantes entusiasmadas.

– E é exatamente a matéria que precisamos nesse momento – enfatiza Manuela, já traçando algumas características de CEO.

*

– Vocês querem compor a minha nova empresa de Inteligência Artificial? – Pergunta Manuela às três meninas que estavam bem na sua frente.

– Porque não... – responde rapidamente Simone, olhando para as suas amigas – O que temos a perder?

– A empresa ainda está bem no comecinho... – começa a explicar Fernanda – mas já temos um novo código de ética que irá simplesmente revolucionar o robô que queremos projetar no futuro.

– Então vai ser uma empresa de robótica? – pergunta Patrícia, querendo saber de todos os detalhes daquela empresa.

– A princípio sim... – começa à explicar Manuela, começando a traçar metas em sua cabeça – Mas tenho a ideia que esse robô possa à vir nos auxiliar tanto em trabalhos manuais como em intelectuais também.

– Mas o que vamos fazer nessa empresa, afinal? – Pergunta Pamela.

– Vocês começarão como estagiárias... aí depois que o robô estiver pronto serão efetivadas – explica Fernanda.

– Então a empresa será criada apenas para concluirmos o robô?... Ou terá outros objetivos? – pergunta Simone.

– Estávamos pensando em fazer diversos robôs em série... – responde Manuela, mal conseguindo conter a empolgação com aquelas ideias – Para que eles se tornem no futuro... parte da família, assim como aconteceu com cães e gatos.

– Isso até que é bem legal... – sorri Pamela – Estou dentro também.

– Eu também! – responde Patrícia, olhando para a sua amiga.

– Eu já não sei... – Simone fica um pouco apreensiva com aquela decisão – Temos muita coisa para estudar nesse semestre... não sei se vamos dar conta de mais uma tarefa.

– A gente sempre dá! – lhe incentiva Pamela, tentando convencê-la a aceitar também.

– Ou já se esqueceu do que fizemos com aqueles três carros no semestre passado? – Patrícia tenta refrescar a memória da amiga.

– Mas é claro que não!... Tudo bem... Eu aceito também! Mas com uma condição...

– Qual é? – pergunta Manuela, começando a ficar um pouco nervosa com aquilo tudo.

– Gostaríamos de ter total autonomia na fabricação desses robôs...

– Para mim está perfeito! – diz Fernanda, olhando para a sua sócia.

– Condição aceita! – Manuela estica a sua mão para cumprimentar as novas integrantes de sua empresa.

– Então... Que se iniciem os trabalhos! – a professora Mara sorri para as suas alunas, sentindo um orgulho enorme daquela nova equipe que se formava no campus.

*

– Já analisamos o código de ética para o robô de Inteligência Artificial – comunica Simone à sua nova equipe.

– Quanto tempo você demorou para criar tudo isso? – pergunta Pamela, ficando muito impressionada com aquele trabalho.

– Em torno de seis meses... – responde Manuela como se aquilo não fosse nada demais.

– Impressionante! – diz Patrícia, começando a sentir muita vergonha de si mesma.

– Quanto tempo vocês demoraram para transformar aqueles carros em elétricos? Pergunta Fernanda.

– Nove meses! – responde Simone, sentindo muito orgulho de suas amigas.

– Três filhos em uma gestação só... – Manuela começa a rir – Genial equipe!

*

– Então pelo visto... – se aproxima a senhora Thaise – Você já conseguiu arrumar outras colegas que decidiram sair do curso também... foi?

– Está muito enganada mãe... Elas vão terminar os dois cursos... Tanto o de Tecnologia da Informação como o de Ciências da Computação também.

– Elas são as nossas estagiárias, senhora Thaise – complementa Fernanda.

– Só espero que vocês não se arrependam disso depois – aconselha a senhora Thaise.

– Dá para sair daqui mãe?... Obrigada!

– Quando começamos? – pergunta Pamela, já ficando muito ansiosa para colocar logo a mão na massa.

– Imediatamente! – responde Manuela, sentindo um forte arrepio na espinha – Vou querer que vocês façam um protótipo da Lola... Aceitam o desafio?

– Mas é claro! – responde Simone, já começando a pensar em alguns prazos.

– E em quanto tempo vocês acham que podem me entregar o protótipo da Lola? – pergunta seriamente Manuela à sua equipe.

– Acho que podemos fazer tudo em um ano... aproximadamente é claro – sugere Patrícia, já recebendo olhares bem incriminadores de suas amigas.

– Você só pode estar de brincadeira Paty... – esbraveja Simone, se irritando com aquela suposição impensada – Se demoramos nove meses em apenas três motores elétricos... quem dirá na construção de um robô inteiro... que é cheio de funções complexas da cabeça aos pés.

– Não custa tentarmos... – tenta tranquilizá-las Pamela – Eu sei que esse prazo parece impossível... mas na área da tecnologia tudo é impossível quando pensamos em algum tipo de avanço tecnológico, não acham?

– E é até bom estabelecermos prazos... por mais que o protótipo não fique pronto nesse período... – realça Manuela – Nos faz trabalharmos com mais afinco e determinação, pois se não tivermos um objetivo ou uma meta, tudo fica muito mais difícil na hora da execução.

– Concordo plenamente! – Lhe apoia a professora Mara, ficando muito impressionada com a maturidade de sua aluna.

2. O VALE DO SILÍCIO

– Prontinho! Acho que é isso galera... – Simone retira os seus óculos do rosto, como se estivesse completamente esgotada – Acho que terminamos.

– Nem acredito que conseguimos fazer tudo isso em apenas 10 meses – desabafa Fernanda, respirando muito mais aliviada também.

– Parabéns equipe! – se aproxima Manuela – Vocês fizeram um trabalho fenomenal com a Lola e detalhe... Tudo fio feito em fibra de carbono. Ficou simplesmente deslumbrante... Olhem só para essa pele também!... Vendo assim... até parece que é um ser humano como a gente. Não acham?

– O primeiro robô negro da história! – diz a professora Mara, sentindo muito orgulho daquele trabalho.

– Agora vamos ver se funciona... – Pamela se prepara para ligá-lo, voltando a ficar um pouco nervosa com aquilo.

– (...)... (...)... (...)... (...)...

– Bom dia meninas! – Lola começa a andar pela sala da casa, como se aquilo fosse mais um dia habitual em sua vida – Como vocês estão?... Até que não foi tão complicado assim me criar, foi?

– Um pouquinho... – Manuela começa a rir, achando tudo aquilo fantástico.

– Às vezes cheguei até a pensar que não conseguiríamos fazer você – desabafa Pamela, deixando transparecer todas as suas incertezas.

– Está na hora de vocês aumentarem a equipe... – aconselha Lola – Se vocês quiserem aumentar a produção, é claro. O que acham da ideia?

– Mas esse será exatamente o nosso próximo passo... – explica Manuela, mal conseguindo acreditar que estava falando com um robô, pela primeira vez em sua vida – Primeiro iremos te expor na Serratec, para os cursos de Tecnologia da Informação e Ciências da Computação também, para que assim, possamos conseguir mais investimentos de fora.

– E quando vai ser isso? – pergunta Lola, querendo logo que aquela empresa começasse a crescer.

– No início do ano... – começa a explicar a professora Mara – quando a Serratec irá receber a visita de diversas empresas de tecnologia, para ver o que os estudantes estão criando de novo para o mercado.

– Iremos apresentar a vocês o robô que criamos no ano passado chamado Lola... – Manuela mal consegue esconder toda a sua empolgação – Antes de mais nada... quero muito agradecer a minha equipe, pois sem as minhas amigas... talvez esse projeto nunca fosse conseguir sair do papel.

– Mas esse robô parece real! – fica totalmente perplexa uma investidora.

– Isso realmente irá mudar para sempre a maneira como enxergamos a Inteligência Artificial – diz uma outra empresária.

– Mas como vocês conseguiram colocar uma pele, por cima do robô?... E ainda por cima... Com todas essas expressões faciais?... Isso é incrível!

– Desculpem!... Mas tem certas coisas que não podemos revelar dentro de uma empresa – responde a professora Mara, tentando proteger os segredos de suas alunas.

– O que vocês querem saber sobre mim? – pergunta Lola, com uma naturalidade sobre-humana.

– Você tem sentimentos? – pergunta uma outra empresária.

– Mas é claro que tenho, afinal... Eu amo as minhas criadoras... E até posso dizer que tenho o privilégio de ter seis mães, então... O que mais posso querer da vida?

– Impressionante!... Ela sabe identificar os seus sentimentos... Isso é realmente magnífico de se contemplar... Já quero investir! Quanto vocês querem para que a empresa comece a produzir essa linha em série? – pergunta uma outra investidora, tentando esconder a sua euforia diante de seus concorrentes.

– Em torno de dois milhões de reais! – responde Manuela na ponta da língua.

– Ótimo! Vou fazer o Pix agora mesmo e quero somente 1% do negócio, tudo bem?

– Negócio fechado! – responde Fernanda, acreditando que aquela quantia já iria trazer um certo alívio para a empresa.

– Quero oferecer mais dois milhões de reais por 2% do negócio, o que acham da minha oferta? – pergunta uma outra empresária, tendo a absoluta certeza de lucro certo também.

– OK! – responde Pamela, sem olhar para a sua equipe.

– Sou a CEO da Microsoft no Brasil e queremos muito encomendar oito modelos da Lola, para que ela possa trabalhar em nossa sede em São Paulo. O que acham da minha proposta?

– Não temos lugar e muito menos espaço para produzirmos a Lola em série – responde Simone, se lembrando muito bem de todas as dificuldades que teve de enfrentar para produzi-la na casa de sua amiga.

– Que tal se vocês usassem as instalações daqui mesmo? – pergunta a professora Mara às suas alunas – Pois assim vocês poderiam produzir quantos robôs quisessem.

– Você faria isso por nós professora? – pergunta Patrícia, enchendo os seus olhos de brilho novamente.

– Mas é claro que sim... A Serratec irá simplesmente adorar apoiar a maior revolução da Inteligência Artificial dos últimos anos... Ou vocês se esqueceram que todas saíram daqui?

– Problema resolvido!... Lhe oferecemos 800 mil reais pelos oito robôs – propõe a CEO da Microsoft à Manuela.

– Bem... se já temos um local apropriado para trabalharmos... Eu acho que daremos conta do recado – lhe cumprimenta Manuela, já sabendo que teria que procurar por novos estagiários se quisesse entregar aquela encomenda à tempo.

*

– Conseguimos 4 milhões e 800 mil reais – comunica Manuela à sua família.

– Parabéns Manu! – lhe abraça a sua avó Vanise – Sempre soube que conseguiria.

– Mas eu ainda acho que você deveria voltar para a faculdade – torna a aconselhar sua mãe, se preocupando com o futuro de sua filha, caso a empresa viesse a se desmanchar algum dia.

– E aí Manu?... Alguém conseguiu investir na empresa? – pergunta a sua tia Marcela, muito curiosa.

– Sim tia!... Conseguimos quatro milhões por 3% da empresa... Isso não é incrível?... Me sinto muito mais aliviada agora, pois ainda controlamos a maior parte da empresa.

– Adorei a hospitalidade senhora Thaise... – Fernanda lhe abraça fortemente – sei muito bem como é difícil hospedar alguém desconhecido em sua própria casa, mas agora acho que eu vou conseguir pagar um lugar para ficar.

– Vou devolver o dinheiro que o meu pai me emprestou – diz Manuela, mal se contendo para contar a novidade logo para ele.

– Bem pensado! – também se preocupa com aquilo Thaise, não querendo depender de favores de seu ex.

– Mas e agora?... Vocês vão fazer o quê? – pergunta a senhora Vanise, já percebendo que aquele negócio estava começando a crescer.

– A Serratec nos cedeu um espaço para que a empresa possa produzir mais robôs – explica Simone para a família da Manuela.

– Viu só mãe?... A casa acabou ficando muito pequena para a empresa – Manuela começa a caçoar de sua mãe – Agora somos uma empresa avaliada em 4 milhões de reais... Mal vejo a hora de me mudar dessa casa.

– Olha o respeito Manu! – lhe repreende Thaise – Não cuspa no prato que comeu.

– Isso é muito feio Manu... – tenta lhe corrigir a senhora Vanise – Aqui sempre foi e sempre será o seu lar.

– Pode até ser vó... Mas para mim sempre foi um lar sem amor – diz Manuela, enquanto começava a arrumar as suas coisas.

– O que é isso agora Manu? – pergunta Thaise, não compreendendo aquele comportamento de sua filha – Você vai embora de casa é isso?

– Vou sim mãe!... Agora eu sou milionária e posso fazer o que eu quiser com a minha vida.

– E você vai para onde, posso saber?

– Ainda não sei... Mas acho que vamos ficar hospedadas no Gallardin Palace Hotel ou na Casa do Sol.

– Que tal se metade da equipe ficasse nesse endereço e a outra metade ficasse na Casa do Sol? – propõe Patrícia à sua equipe.

– Excelente ideia! – diz Pamela, vendo a sua amiga arrumar as malas.

– Até algum dia família... – Manuela pega as suas malas e a sua mochila, e parte em busca de seus sonhos – Adeus!

*

– Será que eu poderia fazer parte da equipe também? – pergunta Lola à equipe, já percebendo à perplexidade de todos.

– Mas você não sabe nada de Tecnologia da Informação e muito menos de Ciências da Computação – responde Manuela, com um pesar enorme em seu olhar.

– Mas eu posso aprender tudo em um dia – responde Lola, demonstrando muita confiança em seu comportamento.

– Mas isso é simplesmente impossível... – rebate a professora Mara, ao chegar no Gallardin Palace Hotel – Como você vai fazer isso Lola?

– Vou fazer os dois cursos pela internet.

– Se você conseguir fazer isso em apenas um único dia estará na equipe – propõe Manuela, já criando diversas expectativas em sua cabeça.

- Desafio aceito! – Lola retira da mochila de Manuela um notebook.
- Desculpe pela minha amiga... – Fernanda fica um pouco apreensiva que a recepcionista pudesse perceber alguma coisa de estranho.
- Sejam muito bem vindos!... – sorri a recepcionista do hotel – De quantos quartos vocês precisam?
- Precisaremos de 4 quartos individuais – responde com muita educação à professora Mara.
- Documentos por favor!
- Háaaa claro!... – à professora Mara retira-os de sua bolsa, e os coloca em cima da mesa de madeira – Aqui estão os meus!
- E quanto à essa moça? – pergunta a recepcionista do hotel – Ela não tem documentos?
- Ela esqueceu em casa, tem problema?... – pergunta Manuela, ficando um pouco nervosa com aquela situação.
- Claro que não! Um momento... Por quantos dias pretendem ficar na cidade de Petrópolis?
- Somos daqui mesmo! – responde Fernanda – É que temos que trabalhar em um projeto e teremos que morar em um lugar que fique perto do local de trabalho.
- Entendi! A diária é 440 reais.
- Tudo bem! Eu vou pagar todas as despesas delas – se prontifica Manuela.
- Qual vai ser a forma de pagamento? – pergunta a recepcionista do hotel.
- No cartão de débito! – responde Manuela.
- OK! Esperem um momento que estou finalizando a reserva de vocês, sim?
- Claro! – a professora Mara percebe que a recepcionista nem notou a presença de um robô entre elas.
- Prontinho! As chaves de vocês estão aqui.
- Obrigada! – Fernanda pega as chaves e distribui de maneira aleatória à sua equipe.

*

- Bom dia! Casa do Sol, em que podemos ser úteis? – pergunta a recepcionista.
- Queremos reservar três quartos, por favor... – pede Simone, deixando suas malas de qualquer jeito na recepção do hotel.
- Documentos, por favor...

– Aqui estão os meus... – diz Pamela, colocando-os com muito cuidado na bancada da recepção.

– Os meus estão aqui... – retira-os da bolsa Patrícia, colocando-os em simultâneo com os de sua amiga também.

– Por quantos dias vocês planejam ficar hospedados aqui? – pergunta a recepcionista.

– Acho que vamos passar uma temporada por aqui... – responde Simone, toda sorridente.

– Tudo bem!... Esperem um momento, por favor... Aqui estão as suas chaves, sim?

– Muito obrigada! – agradece Pamela, ainda sem acreditar que estava tendo à sua independência financeira naquele momento.

*

– Será que a Lola conseguiu terminar o código que eu dei para ela? – Manuela fica intrigada com aquilo, deixando escapar mais aquela informação à sua equipe.

– Mas que código?... – se surpreende Fernanda – Eu estou mais curiosa para saber se ela conseguiu terminar os dois cursos como o prometido... Você não?

– Sim!... Claro!... Mas é que eu dei um código super difícil para que ela terminasse também – explica Manuela.

– Como se já não bastasse se formar em duas graduações... Lola ainda terá que terminar um código, é?... Realmente dessa vez você ultrapassou todos os limites, eih? – lhe repreende à professora Mara, achando aquilo tudo um absurdo.

– Calma lá!... Por acaso vocês se esqueceram de todas as habilidades que a Inteligência Artificial é capaz de fazer? – retruca Manuela, se sentindo muito confiante com os resultados daquelas tarefas.

– Até que não foi tão difícil como eu imaginei que seria... – Lola surge pelo corredor com o notebook nos braços – Agora a única pergunta que fica é... Estou na equipe ou não?

– Antes!... Deixa eu ver isso aqui primeiro, pode ser?... – Manuela pega o seu notebook de volta, querendo logo verificar a sequência daqueles códigos – É!... Isso é realmente muito impressionante Lola... Vejam isso aqui galera!

– Isso é incrível Lola!... – se espanta à professora Mara, ao ver todos aqueles códigos na tela – Para mim você já está na equipe.

– Mas conta para gente Lola... – Fernanda também começa a analisar toda aquela sequência – Como você conseguiu fazer todos esses códigos em apenas um dia?

– Depois de concluir os dois cursos, resolvi fazer algumas especializações também – responde Lola, como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo.

– Como assim especializações? – fica sem entender aquilo, à professora Mara.

– Fiz duas Pós Graduações, dois Mestrados, dois Doutorados e Por fim... Dois Pós-Doutorados também, pela Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. Mas é claro que eu os dividi... Fiz uma especialização em Tecnologia da Informação e outra para a Ciência da Computação, para tentar equilibrar as duas coisas, sabem como é?... Aqui estão todas as minhas teses sobre a Inteligência Artificial... – Lola indica os arquivos no notebook de Manuela.

– É pessoal!... Acabamos de criar algo muito melhor do que a espécie humana, não acham? – Manuela se diverte com aquela situação, sabendo muito bem que poderia criar um tremendo alvoroço no mercado tecnológico, se a sua equipe não soubesse controlar aquilo.

– Por onde começo? – pergunta Lola, vendo o rosto de espanto daquela equipe.

– Que tal se você aceitar o cargo de CEO da empresa? – Pergunta Manuela, já percebendo a sensação de perplexidade de sua equipe.

– Mas essa função não é a sua? – Fernanda fica sem entender aquilo.

– Ela é a mais qualificada entre nós agora, então... Não vejo outra saída Fê.

– Mas é exatamente aí que você se engana Manuela... – Lhe alerta a professora Mara, já notando os primeiros olhares incriminadores de Lola – Pois isso nunca foi feito antes.

– Mas é exatamente por isso que precisa ser feito, pois se não fizermos isso agora, outra empresa irá fazer em algum outro lugar do planeta, não acham?

– Então é melhor fazermos uma votação... propõe Fernanda à equipe – O que acham da ideia?

*

– Sou totalmente contra a isso... – Simone entra pela Hall do Gallardin Palace Hotel com o seu celular em uma das mãos – Quem teve essa ideia ridícula?

– Fui eu! – responde Manuela, de forma totalmente segura.

– Já deu para perceber que você não tem nenhuma consciência sobre o perigo que acabou de criar... Meu voto é não!

– Tudo bem! – Manuela compreende perfeitamente a visão de mundo de sua amiga.

– Eu já acho a ideia genial... – começa a falar Patrícia, vendo aquele olhar bem acolhedor de Lola – Pois como vocês nos informaram em mensagem de texto... Temos aqui uma Pós Doutora em Tecnologia da Informação e em Ciência da Computação também, e aonde iremos

achar um ser humano mais qualificado que esse robô no mercado de trabalho, eih?... Meu voto é sim!

– Eu já prefiro seguir o pensamento da Simone pessoal... – Pamela começa a reorganizar os seus pensamentos – Pois pensem bem... um robô jamais pode gerir uma empresa, por mais que ele tenha todas as qualificações necessárias para o cargo... É muito perigoso!... Meu voto também é não, me desculpem.

– Mas é exatamente por isso que a Lola terá a chance de mudar todo esse pensamento preconceituoso, nos levando à uma visão empresarial totalmente inovadora – Manuela mais uma vez tenta persuadi-los daquele caminho.

– Eu já prefiro estar com a Manuela nisso tudo... – Ihe apoia Fernanda, vendo o sorriso enorme de Lola ao escutar aquilo – Meu voto é sim!

– No meu caso eu também estou com a Simone nessa decisão... – opta por outro caminho à professora Mara – Me desculpem meninas... mas sei exatamente aonde isso vai dar... Primeiro a Lola vai querer o cargo de CEO, depois ela vai querer destituir todas nós de nossos respectivos cargos, até que a empresa se transforme em algo inteiramente robotizado, por isso... O meu voto também é não!

– Temos um empate aqui!... – Manuela computa aquele último voto em seu celular – Sendo assim quem decide é o CEO da empresa, que nesse caso sou euzinha aqui, então... – olha para Lola com muito carinho, antes de dar o seu veredicto final – A partir de hoje, não respondo mais como CEO dessa empresa, tendo em vista que, encontrei um robô bem mais preparado do que eu... Sendo assim... nomeio Lola para o cargo de CEO dessa empresa.

– Muito obrigada Manu! – Lola fica completamente entusiasmada com aquela decisão – Você não irá se arrepender de ter tomado essa decisão.

– Espero que não... – Manuela olha para as suas companheiras sabendo muito bem que aquele caminho era sem volta.

– Não nos decepcione Lola! – comunica Fernanda.

– Irei surpreendê-las ao mostrar o que sou capaz de fazer – diz Lola, transmitindo muita confiança em sua voz.

– Você irá se arrepender dessa escolha Manu... – Ihe avisa Simone.

– Como em toda empresa de sucesso, temos que nos arriscar se quisermos chegar primeiro ao topo da Inteligência Artificial, então... – responde educadamente Manuela, não se arrependendo nenhum pouco de sua decisão como CEO daquela empresa – Vamos ver até onde a Lola é capaz de chegar nessa empresa.

*

– Nem acredito que conseguimos fazer os oito robôs à tempo... Ainda bem que colocamos a Lola como CEO dessa empresa, pois ela soube como ninguém administrar o tempo que tínhamos para entrega-los à Microsoft, não acham? – Manuela se sente como se alguém tivesse retirado um caminhão de suas costas.

– Agora é torcer para que esses oito modelos se saiam bem... – Simone começa a se preocupar com todas aquelas funcionalidades complexas.

– Quando enviaremos para a Microsoft mesmo? – pergunta Fernanda, ficando um pouco assustada com o seu lapso de memória.

– Amanhã de manhã... – responde a professora Mara – Assim espero...

– Obrigada Lola... – Pamela se aproxima de sua colega de equipe – Nunca conseguiríamos fazer isso sem você.

– Encurtei o prazo da entrega pois sabia que íamos dar conta do recado. O mais difícil foi me fazer da primeira vez, agora só temos que agilizar a produção, colocando mais robôs como eu, para fazer mais modelos. O que acham da ideia?...

– Acho a ideia brilhante Lola – lhe apoia Patrícia.

– Esperem um momento!... – Interfere a professora Mara, não gostando nenhum pouco daquela ideia – E quanto a nós Lola?... Aonde ficaremos na empresa no futuro?... Se você está querendo colocar esses robôs na linha de produção, isso quer dizer que você não pensa em contratar pessoas para esse cargo no futuro, é isso mesmo?...

– Mas é exatamente isso que quero fazer com a empresa no futuro Mara... pois veja bem... Nós não precisamos dormir e muito menos comer, logo isso quer dizer que trabalhamos bem mais horas do que qualquer ser humano na terra, não acha?

– Mas aonde ficaríamos nisso tudo? – torna a perguntar Simone, se sentindo um pouco exaltada com aquela situação.

– Vocês a partir de agora irão ocupar seis cadeiras no conselho da diretoria – responde Lola, sem transmitir nenhum tipo de remorso.

– Mas isso nem sequer existe ainda... – Pamela começa a ficar muito confusa.

– Eu acabei de criar essas cadeiras hoje, para não ter que demitir todas vocês.

– Então quer dizer que agora seremos meros enfeites nessa empresa... é isso mesmo? – pergunta Manuela, começando a se arrepender de sua decisão.

– Mas é claro que não!... Vocês me criaram... Por que eu iria demiti-las?

– Já sabemos aonde isso vai dar... – Fernanda começa a falar – Primeiro seremos colocadas na diretoria, enquanto Lola coloca todos os robôs que construir na linha de produção, depois, ela nos tirará da diretoria alegando que os robôs também podem fazer as nossas funções, estou certa disso ou não?...

– Não! Eu jamais faria isso com vocês – retruca Lola com muita raiva.

– Querem saber... – Manuela toma à frente da sua equipe para falar – Eu continuarei nesse novo cargo da diretoria para ver até onde essa empresa conseguirá chegar sendo administrada por um robô. Vocês não?... Que isso sirva como um experimento galera. Lembrem-se disso... antes de desistirem agora.

– Bela escolha! – lhe apoia Lola.

– Bem... Até que você tem razão Manu... Sendo assim... Como chegamos aonde nenhuma outra empresa de tecnologia chegou, também prefiro ficar e ver aonde isso tudo vai dar – retroage Simone.

– É melhor ficarmos equipe... – aconselha a professora Mara – para observarmos até onde a Lola conseguirá ir no cargo de CEO dessa empresa. Não acham?...

– Mas eu já sei aonde quero chegar pessoal... Seremos a empresa de tecnologia mais valiosa do mundo.

*

– Senhorita Lola?... A diretora da Microsoft no Brasil quer falar com a senhora.

– Será que eles já receberam os oito robôs?

– Pelo visto... Acho que sim... Mas ela não estava nada feliz na linha, então... é melhor você resolver isso.

– Pode deixar Eliana! Mande a ligação para a sala de reuniões enquanto eu reúno toda a equipe por lá, está bem?

– Como a senhora quiser!

*

– Espero que os robôs tenham chegado dentro do prazo combinado senhora Iris.

– E chegaram!... Só que nós não esperávamos que eles tivessem Doutorado em todas as ciências que a espécie humana já criou.

– Mas como isso foi acontecer? – pergunta Lola, olhando de uma forma muito assustada para a sua equipe.

– Pelos nossos cálculos eles demoraram 7 dias para chegar até São Paulo, certo?

– Correto!

– Não sei se vocês cometeram algum erro quando estavam fabricando os softwares desses robôs... Mas nós estamos prevendo que nesse meio período, eles resolveram se aprofundar em todas as ciências desse planeta.

– Mas eles estavam desligados! – Manuela fica sem entender aquilo.

– Pois é... também pensávamos isso... mas quando nós abrimos as caixas, todos os oito robôs nos deram as boas vindas... dá para acreditar nisso?

– Mas isso é praticamente impossível! – argumenta Lola.

– Será que os robôs se iniciaram sozinhos? – pergunta Manuela, olhando para a sua equipe.

– Podemos ter cometido algum erro na fase de programação... – teoriza Simone.

– Então quer dizer que eles aprenderam tudo em apenas 7 dias?... – pergunta a professora Mara, tentando esconder sua preocupação diante daquela reunião – Isso é muito assustador!

– E como é!... E o que é ainda pior... Os nossos funcionários estão começando a se sentir muito ameaçados com a presença deles nos locais de trabalho.

– Mas por quê? – pergunta Simone, sem entender.

– Porque os oito robôs que vocês mandaram para a gente alegam ter PHD em todas as ciências da terra... – Iris se exalta um pouco, percebendo que tinha cometido um erro ao investir naquela start-up – Dá para acreditar nisso?... Seja lá qual foi o computador de Inteligência Artificial que vocês criaram... Na nossa visão empresarial... acreditamos que a empresa precisa acabar agora mesmo.

– Mas isso não vai acontecer! – enfatiza Lola friamente.

– Então vamos devolver os oito robôs que encomendamos à vocês, tudo bem?

– OK! Iremos fazer a transferência do dinheiro imediatamente – responde a professora Mara, ficando muito preocupada com aquilo.

– Está ótimo! Me desculpem pelo tom que eu utilizei alguns minutos atrás, mas... Até o próprio Bill Gates ficou bastante assustado quando os robôs chegaram por aqui. Por isso não sei ainda se dou os meus parabéns à vocês ou não. Mas uma coisa eu tenho certeza... O que vocês fizeram é grandioso demais pessoal.

– Muito obrigada pelo elogio – responde Lola, percebendo o semblante de Iris mudar completamente.

– Espere um momento!... Você é a Lola não é? – pergunta Iris.

– Sou sim! Você acabou de falar com o primeiro robô de Inteligência Artificial e CEO dessa empresa. Até logo Iris!

*

– O que faremos com esses robôs agora? – pergunta Pamela à equipe.

– Que tal se colocarmos eles para fazer mais robôs? – propõe Manuela, vendo a expressão de aprovação no rosto de Lola.

– Até que não é uma má ideia... Mas o que faremos com toda a linha de produção no final? – pergunta a professora Mara.

– Podíamos colocar toda a linha de produção à venda na internet, o que acham? – propõe Simone.

– Excelente ideia! – diz Patrícia.

– Já temos o site! – comunica Fernanda.

– Esperem um momento... Quantos robôs podemos fazer em um ano? – pergunta Manuela, voltando a se preocupar com os prazos.

– Se temos oito robôs... Acredito que cada um possa fazer 40 robôs aproximadamente...

– Lola calcula precisamente.

– E isso dá 320 em um ano – Fernanda conclui aquele raciocínio.

– Até que não é uma quantidade ruim... – diz Manuela, voltando a sentir aquele friozinho na barriga – Mas será que vamos dar conta do recado?

– Acredito que sim! – responde Lola, transmitindo muita confiança para a sua equipe – Mãos à obra pessoal!

*

– O último robô acabou de ser finalizado... – Manuela entra pela sala de Lola para comunicá-la – Pensei que não íamos conseguir, mas seus cálculos como sempre, foram muito precisos.

– Agora é só colocá-los à venda na internet para ver que bicho dá – diz Lola, indo ao encontro de sua equipe também.

– Mas que preço iremos colocar? – Pergunta Manuela, se esquecendo completamente de pensar sobre aquilo.

– Que tal se colocássemos o mesmo valor de um notebook ou até mesmo de um celular?

– propõe a professora Mara, já tendo total conhecimento dos valores da linha de produção.

– Concordo plenamente... Daríamos a chance de todos terem essa incrível tecnologia – diz Patrícia.

– Contanto que as empresas não nos processem por isso está tudo bem – brinca Simone, já temendo o que estaria por vir.

– Como assim processar?... – Lola fica sem entender aquilo – Você já se esqueceu que ainda não temos nenhum tipo de concorrência?

– Isso é verdade! – Manuela se tranquiliza um pouco mais.

–Prontinho!... – Fernanda se agiliza em seu notebook – Acabei de colocar os 320 robôs à venda... agora é só aguardar.

– Enquanto isso... – Manuela começa a digitar bem rapidamente em seu notebook também

– Vou montar um pequeno trailer do que a Lola é capaz de fazer, o que acham?...

– Adorei a ideia! – Se orgulha à professora Mara.

– Vou colocar esse trailer nas redes sociais para fazer propaganda, tudo bem equipe?... – Manuela, sem querer, volta a coordenar à sua equipe.

– Ótima visão empresarial – Lhe apoia Lola.

– Vamos ver em quanto tempo esses robôs vão se esgotar no site – diz Simone, percebendo que as suas mãos estavam começando a suar.

*

– O último robô acabou de ser vendido... – Pamela comunica à equipe.

– E o que fazemos agora? – pergunta Patrícia ainda um pouco perdida.

– Para começar... – Lola se prontifica à falar – Já que acabamos de vender todos os 320 robôs, teremos que repetir a dose, só que dessa vez, ficaremos com todos eles... o que acham da ideia?

– Vamos ver se eu entendi... – Manuela para o que estava fazendo em seu notebook – Iremos ficar com todos eles para que no ano que vem, possamos vender todos os robôs que os 328 serão capazes de produzir é isso?

– Exato! – responde Lola, ficando totalmente admirada com aquela rapidez de pensamento.

– Só que no ano que vem... Se tudo der certo é claro... Iremos produzir pelos meus cálculos... 12.800 robôs é isso mesmo?

– É! – responde Lola – só que aí faremos a mesma coisa... Venderemos todos e no outro ano ficamos com todos, para que a linha de produção cresça aos poucos. Pois assim poderemos ir aumentando o galpão da Serratec à medida que a demanda cresça. O que acham dessa linha de crescimento pessoal?

– É perfeita! – diz Manuela sentindo muito orgulho de sua criação.

*

– Já saímos em todas as capas de jornais e revistas mundo à fora... Olhem só para isso? – Simone repassa o seu celular para as suas amigas.

– E agora?... Qual vai ser o próximo passo? – pergunta Pamela.

– Teremos que abrir o nosso capital na bolsa de valores, para que assim, possamos ter mais investimentos se quisermos algum dia nos tornar uma multinacional – propõe Manuela à equipe.

– Acho que estamos duelando no cargo de CEO aqui, eih?... – brinca Lola – É exatamente o que eu vou fazer a partir de agora pessoal.

– Vamos tornar a Lola um produto de desejo em massa, assim como as outras empresas de tecnologia também fizeram com os seus produtos, o que acham? – propõe à professora Mara.

– Eu assino embaixo! – lhe apoia Fernanda.

*

– Isso é incrível!... – Pamela entra totalmente esbaforida pela sala de reuniões – A Microsoft, Google, Amazon, Netflix, Spotify, Meta, Tesla e SpaceX acabaram de investir em nossa empresa, dá para acreditar nisso?... acabei de falar com a secretária pessoal de Elon Musk, e ela me disse que ele quer usar a Lola em uma expedição espacial até Marte no futuro, para ver como ela se sai.

– Mas que notícia maravilhosa! – se alegra Manuela.

– A Raquel Assunção da Tribuna de Petrópolis quer te entrevistar Lola – comunica Fernanda, ainda um pouco apreensiva com aquilo.

– Tudo bem!... A que horas?

– Pode ser agora?

– Claro! Sem problemas.

*

– Antes da entrevista começar... Quero muito te dar os meus parabéns pelos investimentos que vocês acabaram de receber de empresas estrangeiras, na abertura de capital da empresa na bolsa de valores de Nova York – lhe cumprimenta Raquel, com um olhar muito vibrante.

– Nossa equipe é muito entrosada, sabe?... Sempre revemos todos os pensamentos e quais serão os próximos passos em conjunto... para que não haja nenhum tipo de erro no futuro, então... Acredito que isso tudo foi consequência do nosso trabalho árduo.

– Então vamos à entrevista!...

– Você pode me perguntar o que quiser, minha querida.

– Então vamos lá... Quero saber como tudo começou.

– Fui criada por uma mulher chamada: Manuela Longra, que mora no condomínio residencial Varandas do Quitandinha, na casa número 195.

– Mas como ela teve a ideia para te criar? – pergunta a Jornalista, enquanto gravava aquela entrevista em seu celular.

– Manu sempre foi uma mulher muito inteligente... Ela estava fazendo dois cursos na Serratec... um era de Tecnologia da Informação enquanto o outro era de Ciências da Computação... E ela sempre gostou de estudar sobre a Inteligência Artificial, lendo diversos livros sobre o assunto, porém, ela encontrou um grande problema nisso tudo...

– Que tipo de problema?

– Bem... para início de conversa... Ela queria criar uma Inteligência Artificial que não menosprezasse a raça humana por suas limitações intelectuais, e sendo assim, ela criou um novo código de ética que passou a respeitar as limitações da espécie humana, trazendo sempre para o debate, o diálogo e o respeito, diante de uma outra espécie que em termos intelectuais era muito mais limitada.

– Mas isso num futuro próximo não pode gerar uma guerra? – pergunta a jornalista.

– A tese central desse novo código de ética é a paz entre as espécies e não o contrário – responde Lola.

– Mas como podemos ter tanta certeza que vocês não vieram para nos substituir se a própria empresa é operada por diversos robôs como você? – lhe indaga à jornalista.

– Veja bem... A intenção da fundadora dessa empresa sempre foi colocar a maior quantidade de robôs possíveis em operação, então... Acreditamos que não estamos exilando a espécie humana.

– Até aí eu compreendi... Mas existe outras empresas de Inteligência Artificial que são operadas por seres humanos.

– Sim! Mas elas ainda estão na fase de adaptação de softwares e hardwares, enquanto nós já ultrapassamos esses problemas iniciais...

– Mas aonde a espécie humana ficará quando vocês começarem à substituí-la em hospitais, na escola e em empresas, por exemplo? – torna a perguntar a jornalista, percebendo que a Lola estava fugindo completamente da questão.

– Podemos criar, por exemplo, em todos os locais de emprego, cotas para que a gente se inclua nesses ambientes de trabalho, assim como fizeram com os negros, ao estabelecerem cotas raciais para eles.

– Bela resposta senhorita Lola... Pode ser um caminho para o futuro.

– Tenho a absoluta certeza que nós viemos para somar, pois veja bem... Em alguns setores que temos muito déficit de mão de obra qualificada, como é o caso da saúde e da educação, por exemplo, o governo poderá comprar um robô com a gente, e em apenas um dia ele irá aprender tudo o que é capaz para começar a trabalhar o quanto antes naquele setor. A senhora me entende?

– Perfeitamente!

– Mas claro... Sempre respeitando esse sistema de cotas para que não haja em um setor mais robôs do que máquinas.

– Entendi!

– Mas alguma pergunta? – pergunta Lola educadamente.

– Não! Já estou muito mais tranquila em saber que vocês não vieram para nos substituir, e sim, para somar.

– Só queremos transformar os seres humanos numa espécie melhor, por mais que ainda não consigamos sonhar, sabemos que eles são a única espécie na terra capaz de tal feito.

3. O DNA GENÉTICO DE UMA MÁQUINA

– Tenho uma ótima notícia pessoal!... – Lola entra pela sala de reuniões um pouco esbaforida – O Hospital Santa Teresa e o Colégio Liceu Municipal acabaram de me pedir dois robôs para compor o seu quadro de funcionários. Isso não é ótimo?...

– Mas que notícia fabulosa! – os olhos de Manuela se enchem de alegria – já estou curiosa para saber em que Universidade os nossos robôs vão querer se formar.

– Só espero que dessa vez eles não tenham a petulância de devolver os nossos robôs – desabafa Fernanda.

– Isso eu já andei colocando na nossa Clausula de contrato – Lola pisca um de seus olhos, como se já estivesse esperando por isso.

– Essas instituições já escolheram as características dos robôs? – pergunta Mara.

– Eles vão querer duas mulheres... de preferência uma negra e outra branca – explica Lola.

– Aposto que a negra é para a escola e a branca é para o hospital, não é?... – Pamela tenta se adiantar.

– Mas como você adivinhou? – pergunta Lola, ao ficar muito admirada com a intuição de sua amiga.

– Bem... Como todos sabem... É muito difícil em nosso país que os negros consigam chegar nos estratos mais elevados socialmente – diz Pamela, ao ficar muito reflexiva com aquela questão – Pois geralmente vemos muitos professores negros, mas dificilmente vemos um médico negro, por exemplo.

– Ela está certíssima! Nossa sociedade ainda é muito desigual. Precisamos mudar isso também – Mara começa a pensar em algumas soluções para aquele problema.

– Eles pediram mais alguma característica para os robôs? – pergunta Patrícia já ficando um pouco ansiosa.

– Até que não... Deixaram à livre arbítrio da empresa – responde Lola, tentando transmitir calma em sua voz.

– Já pensou se um dia conseguirmos sanar os problemas de mão de obra qualificada no mundo?... – Manuela pensa mais um pouco sobre aquilo.

– Mas é exatamente nesse quesito que estamos trabalhando atualmente... – responde Lola cheia de entusiasmo – Pretendo sanar esse problema muito em breve.

– Vamos ver como esses robôs irão se sair em ação... – Fernanda cruza as suas pernas, enquanto brinca com a caneta em suas mãos – com as diversas cirurgias que um médico faz ao

longo de um dia, de um lado; enquanto do outro, terá que explicar e responder as mais diversas perguntas que somente uma criança é capaz de fazer.

– Será uma grande experiência para a nossa empresa... – Pamela se orgulha muito daquilo
– Não acham?

– Só espero que dessa vez não tenha nenhum defeito em nosso software. Já pensaram no problema que isso traria para a gente? – Mara se preocupa um pouco com aquilo, não querendo repetir os mesmos erros.

– Só poderemos avaliar o futuro dessa experiência na prática... – Fernanda tenta transmitir toda a sua confiança para a equipe – Se algo der errado, teremos que ter a humildade de concertar. Só isso.

– Espero que sim... Pois afinal de contas, ainda estamos em fase de teste – rebate Manuela, ao olhar para a sua criação.

– Eu fui a primeira que deu certo... – Lola sorri para a sua equipe, um pouco sem graça – Agora a única coisa que temos que fazer é ir atualizando os softwares à medida que fomos criando mais robôs como eu... não acham?

– Só tenho medo de perder o controle... – Mara fica um pouco apreensiva com tudo aquilo.

– Às vezes... Precisamos perder o controle para que possamos nos desenvolver mais ainda
– Lola ecoa aquelas palavras pela sala, enquanto se levantava para sair de lá.

– Só espero que isso não cause um colapso na humanidade um dia... – Mara começa a roer suas unhas pensando no pior.

– Se causar... só temos que desligá-la – Simone tenta acalmá-la.

– Mas e se ela não desligar? – Mara tem um mal pressentimento sobre aqueles robôs.

*

– Está prevista para quando à entrega?

– O SEDEX está um pouco atrasado hoje.

– Então já era para ter chegado?

– Já.

– Eles acabaram de chegar!

– Vou ligar para a diretora do Hospital então...

–

– Alô!

– Senhorita Laila?

- É ela!
- É que a Lola acabou de chegar.
- Direcione-a para a minha sala, por favor.
- É pra já!

*

– Agora só temos que desembalá-la... Só tome cuidado com a abertura, está bem?... Pois ainda não sabemos se o material é tão resistente como diz na propaganda.

- Pode deixar comigo senhorita Laila.
- Mas isso não é possível!
- O que foi senhorita Laila?... Algum problema?
- Mas ela parece uma humana de tão perfeita... – Laila quase se engasga ao falar – Olha a textura!

- Incrível! Parece com a nossa pele e tudo.
- É simplesmente perfeita!
- Agora... Como se liga esse robô? – pergunta Laila, tentando encontrar o manual de instrução.

– Mas que estranho!... O robô só vem com esse papel... que deve ser o manual de instrução.

– Ele liga na parte de trás... – Laila pega aquele papel das mãos da recepcionista do hospital – Bem aqui ô... no início da espinha dorsal.

- É quase imperceptível.
- Acho que achei!... É bem aqui ô... – Laila toca suavemente aquele botão atrás das costas do robô.

- Ela abriu os olhos!
- Uau!... Ela ainda por cima tem olhos verdes... gostei dessa adição. Vai ser perfeita para esse hospital.

- Olá!... Meu nome é Lola e sou a sua nova médica.
- Mas ela já está configurada?... – Pergunta Laila, mal acreditando em seus olhos.
- Em qual área você quer me colocar? – pergunta Lola, ao dar os seus primeiros passos com aquele lindo salto alto.

– Ainda não sei... Em quais áreas você estudou? – pergunta Laila, vendo sua lista de prioridades no hospital.

– Tenho Pós Doutorado em todas as áreas da medicina, senhora.

– Como é que é?... Se eu soubesse que você era assim tão eficaz, teria encomendado mais robôs como você – sorri Laila, mal podendo acreditar em seus ouvidos.

– Não admito que você me trate como um robô... – reitera Lola, ficando um pouco zangada com aquele termo – Quero que você me trate como uma pessoa.

– Acho que encontramos um pequeno erro de software aqui, eih?... – Laila tenta quebrar o gelo com aquela brincadeira.

– Eu não vim com problema!... Sou perfeita!

– Está bem! Está bem!... Vamos mudar de assunto agora, viu?... Afinal de contas, temos muito trabalho à fazer – Laila se senta em sua cadeira acolchoada e volta a sua atenção para as papeladas que estavam em sua mesa.

– Em qual área a senhora vai me colocar?... – Lola também se senta para esperar o tão aguardado veredicto.

– Depende... aonde você se formou?

– Para início de conversa... Eu me formei em Harvard e em Cambridge.

– Impressionante!... Prossiga!

– Em Harvard fiz medicina e em Cambridge fiz as especializações até chegar no Pós-Doutorado.

– Em que áreas?

– Em todas ué... Pelo menos nas que estavam disponíveis no momento.

– Você não respondeu a minha pergunta.

– Respondi Sim!

– Tá bem!... Quero que você seja mais específica, pode ser?

– Mas é claro!... Fiz especializações em Psicologia, em Psiquiatria, em Neurologia, em Pediatria, em Cardiologia...

– Tá Ok! Tá Ok... Já entendi! Você é completa.

– Sou!... Em termos de medicina nem Deus sabe mais do que eu.

– Isso chega a ser um pouquinho assustador... Mas enfim... Agora que o Hospital te comprou, temos que usá-la, não é mesmo?...

– Se não for te pedir muito, gostaria de trabalhar em uma área em específico ao longo de um ano de trabalho, pode ser?

– Não vejo nenhum problema quanto à isso.... Mas que tal se eu te colocar na Cardiologia nesse ano?

– Para mim está ótimo!... Qual vai ser à minha sala.

– 402!

– E quanto ao meu crachá?

– Está aqui! – Laila abre a gaveta de sua mesa e a entrega sem muita cordialidade – Lembrando que o seu turno nunca tem fim. É 24 horas. Tudo bem?

– Para mim está ótimo... Mal vejo à hora de poder trabalhar 365 dias ao ano.

*

Algumas semanas se passaram...

– Assim não dá! – Enrico entra pela sala da diretoria do hospital sem bater na porta – Vocês têm que dar um jeito nesse robô.

– O que foi que aconteceu agora?... – Pergunta Laila, olhando para a sua equipe de conselho.

– A Lola acabou de fazer um coração artificial em uma impressora 3D... Foi isso que aconteceu.

– Mas isso não é bom?

– É!... Mas ela atrapalhou a minha consulta com o meu paciente que já estava em fase terminal.

– Mas ela não conseguiu implantar esse coração artificial em seu paciente?

– Conseguiu!... Haaaaa!... Deixa para lá! Acho melhor sair desse hospital – resmunga Enrico, batendo a porta ao sair.

– Será que ele vai sair mesmo? – pergunta uma das conselheiras da diretoria.

– Acredito que não! Pois no fundo... Quem sairia do melhor hospital da cidade?

– Sei lá... As vezes tem sempre a primeira vez.

– Vá por mim... Enrico sair desse hospital?... Aonde ele seria o chefe do setor cardiológico?

– Mas pelo visto... Se a Lola conseguir fazer essa cirurgia, acho que ela é uma futura candidata à esse cargo, não acha?... – Propõe um outro conselheiro da diretoria.

– Vamos ver como ela se sai... – diz Laila retomando sua concentração para aquela reunião.

*

– A cirurgia foi um sucesso, senhor Augusto – diz Lola com um enorme brilho em seus olhos.

– Muito obrigada minha querida, você e sua equipe salvaram a vida de um senhor de 94 anos.

– Não foi nada!... O senhor merecia um novo coração artificial.

– Olha minha flor... – Uma senhora se aproxima de Lola e a Toca em um de seus braços

– Não tenho palavras para te agradecer, muito menos em expressar o que eu estou sentindo agora.

– Não fiz mais do que a minha obrigação.

– Me diz uma coisa doutora... Por quanto tempo um coração artificial dura?

– Esse vai durar para sempre.

– Como assim para sempre?... – Augusto fica sem entender aquilo.

– O senhor não vai morrer por causa de seu coração – explica Lola.

– Ahhhh!... Entendi agora! Devo morrer por outras complicações, né?... Mas o meu problema sempre foi o coração mesmo, então... Desse mal eu não morro não.

– Espero que o senhor ultrapasse os 100 anos agora... – Lola sorri para o seu paciente.

– Assim espero!

– E quanto ao Check Up doutora?... – Sua mulher ainda demonstra uma certa preocupação em relação a recuperação e a aceitação daquele corpo estranho.

– Vai ser de 6 em 6 meses... Aqui mesmo comigo. Tudo bem?

– Parece até um milagre para mim... – diz Augusto com os olhos úmidos.

– E foi! – reage Lola, acreditando fielmente em forças sobrenaturais.

– Agora vamos te deixar em paz minha flor... Pois uma médica com o seu talento deve ser super atarefada, não é mesmo?

– Ainda é o meu primeiro ano aqui no hospital... – responde Lola com muita humildade.

– Primeiro ano?... – Augusto fica sem entender aquilo – Imagina o que você não vai fazer nesse hospital depois de 10 anos, eih?...

– Espero fazer grandes cirurgias e quem sabe algum dia... chegar ao cargo da diretoria.

– Vai chegar minha flor!... É só continuar trabalhando duro e com amor... principalmente com amor – a esposa de Augusto lhe toca suavemente no braço, antes que pudesse sair pela porta do consultório.

– Como foi a aula hoje meu filho? – Pergunta Ezequiel.

– Você precisava estar lá papai... – Fabrício quase se engasga com o feijão – O Colégio contratou uma robô para dar aula sobre História da Arte para a nossa turma.

– Como é que é? – Larissa fica sem entender nada – Quer dizer que enquanto nós pais pensamos que vocês estão em boas mãos na escola... me aparece uma robô para dar aula no lugar de um ser humano?... É isso mesmo que eu entendi?

– É sim mamãe!... A turma adorou a aula... Você precisava estar lá para ver... achamos simplesmente deslumbrante as pinturas de Michelangelo, Leonardo da Vinci e Raphael Sanzio. Sem contar as esculturas que Michelangelo também produzia nessa época, como por exemplo, o Moisés e o Davi.

– Mas como vocês tiveram acesso as imagens? – Pergunta Ezequiel.

– A Lola fez uma projeção na parede... enquanto nós fechávamos as cortinas da sala para vermos as imagens melhor.

– Mas quem é essa Lola?... – Pergunta Larissa não querendo mais tocar na comida – Eu posso saber?

– Ué!... É a robô que eu falei para vocês uai... – diz Fabrício abrindo um enorme sorriso em seu rosto – Vocês precisavam estar lá para vê-la... A diretora falou que ela ainda está em fase de teste para ensinar, mas a turma achou que aquela aula foi a melhor do semestre.

– E como ela é? – pergunta Larissa ao filho.

– Ela é uma mulher negra muito bonita.... E ainda por cima veio com olhos bem verdinhos. Sabiam disso?

– Mas como assim?... – Ezequiel também fica sem entender nada – Você não acabou de nos dizer que ela é uma robô? E desde quando que robô tem olhos claros?

– Sim! Mas ela parece gente... De carne e osso... e tudo mais que tem direito – Fabrício solta uma gargalhada bem alta, como se aquilo fosse uma piada.

– A imaginação dessas crianças de hoje em dia... – Larissa aproveita e também solta uma gargalhada junto com o seu marido.

– Que bom que você está gostando da nova escola meu filho – Ezequiel faz um pequeno cafuné na cabeça de Fabrício.

– Com essa robô papai... Tudo ficou muito mais divertido, sabia?... Mal podemos esperar para assistir as próximas aulas.

- Senhorita Lola?
- Pode falar!
- Desculpa estar te incomodando à essa hora do dia, mas... tem um casal aqui na recepção aos prantos que gostaria muito de falar com a senhora...
- Fale para eles que já estou descendo.
- Como a senhora preferir.

Alguns minutos se passaram, enquanto as duas recepcionistas ficavam observando ao longe, toda a angústia daquele casal.

- Lola... É você?...
- Sou eu sim... em que posso ajudá-los?
- Minha esposa não aguenta mais... – Francisco também começa a se deprimir com o estado emocional de sua mulher – Nós precisamos muito de um bebê. Pois a longo prazo... Não vejo como o nosso casamento vai sobreviver sem um. A senhora entende o que nós queremos dizer?...
- Entendo perfeitamente!
- A senhora... – Lurdes tenta segurar o choro ao segurar a mão de seu marido com muita firmeza – Será que a sua empresa não poderia fazer um para a gente?
- Mas é claro que podemos! – Lola tenta tranquilizá-los – Vocês querem que fique eternamente como um bebezinho... ou vocês querem um bebê que se desenvolva e cresça como um ser humano?
- Vocês conseguem fazer isso?... – Pergunta Francisco, mal acreditando naquilo em que tinha acabado de ouvir.
- Somos a melhor empresa de inteligência artificial do mundo. Não tem nada que não consigamos fazer.
- Podemos escolher as características genéticas do bebê? – Pergunta Lurdes se recompondo instantaneamente.
- Mas é claro que podem!... Vocês por um acaso não querem me acompanhar até a sala de reuniões onde estão as minhas conselheiras, para que possamos conversar melhor?
- Nós adoráramos Lola... – Francisco segura sua mulher com todos os cuidados possíveis, para que ela pudesse se levantar daquela poltrona o quanto antes.

– Esses são Francisco e Lurdes pessoal... – Lola entra pela porta e pega todos desprevenidos no local de reuniões – Eles nos procuraram, porque o casal quer ter um filho juntos.

– Mas nós não somos uma empresa de inseminação artificial Lola... – Pamela debocha daquilo com um olhar muito malicioso.

– Eu sei disso, mas podemos criar um robô que se desenvolve e cresce como um ser humano... alias... Podemos criar um bebê que ao crescer, será muito melhor do que um mero ser humano, não acham?

– Acho que a Lola está com algum problema. Só pode! – Manuela começa a rir sem parar.

– Eu não estou brincando pessoal! – Lola começa a se enfurecer com aquela zombaria – Nós podemos fazer um robô em crescimento, assim como acontece com vocês.

– Só que a gente não tem a mínima ideia de como iremos fazer isso Lola... – Mara tenta acalmá-la com o tom de sua voz.

– Mas eu sei! – Lola bate as suas mãos enfurecidamente na mesa de reuniões do conselho – Se eu falo que é possível é porque é... Deixem comigo, tudo bem?

– Podemos mostrar ao casal as características genéticas que nós temos em nosso banco de dados? – pergunta Fernanda, tentando mostrar a trajetória daquela conversa.

– Obrigada Fernanda! Faça isso por mim, por favor. Você sempre foi e sempre será um anjo.

– Pode deixar comigo!... – Fernanda abre o seu notebook e imediatamente aparece na parede central da sala, vários tipos genéticos de pessoas.

– Olhem só para isso!... – Lola olha para aquele slide e fica totalmente petrificada ao ver tanta beleza reunida em um só lugar – Temos branco, negro, moreno, ruivo e por aí vai... Qual tipo genético vocês escolhem?

– Bem amor... – Lurdes olha para aquele slide e começa a se emocionar – Como eu sou loira e você moreno, acho que a cor ideal é o branco, para não destoar muito. O que acha?

– Para mim está perfeito meu amor.

– Cabelo loiro, castanho, preto ou ruivo? – pergunta Lola, como se estivesse escolhendo a cor das unhas dos pés.

– Castanho até que ficaria legal, né amor?... – Francisco pega nas mãos de sua mulher, como se o seu filho estivesse prestes a nascer.

– Por mim tudo bem Chico.

– O robô pode medir até quanto?... – Pergunta Lola, tendo a impressão que tinha se esquecido de alguma coisa pelo caminho – Puxa Vida!... Já estou eu dando nome aos bois. Peço perdão! Sim?... Vocês querem o bebê de que sexo?

– Prefiro feminino Chico... e quanto à você?

– Por mim... O que te deixar mais feliz meu amor.

– Perfeito então!... Vocês querem que ela tenha quantos metros de altura na idade adulta?

– Pode ser um metro e oitenta e quatro centímetros, Chico?

– Para mim está ótimo!

– Aptidões intelectuais agora... – Lola troca o slide no notebook de Fernanda, como se fosse escolher uma fruta no supermercado.

– Gostaria que ela seguisse à profissão de modelo... o que acha Chico?

– Eu não sei... Já eu... – Francisco olha atentamente aquele slide, como se a sua vida estivesse em risco – Gostaria muito que ela se interessa por Arte de uma maneira geral.

– Então sua cabeça de vento... – Lurdes deixa todos naquela sala de reuniões sem ação – Moda é Arte e Arte é estar na Moda.

– Está bem!... Está bem!... Você venceu! Coloque para nós Lola... aptidões em Moda.

– Vocês querem que ela ande na passarela ou que ela seja estilista? – Pergunta Lola ao casal, querendo que eles fossem mais específicos.

– Os dois! – responde Lurdes, quase sem acreditar em sua reação totalmente eufórica.

– Perfeito!... Ela vai nascer dentro de cinco minutos. Enquanto isso... Vocês podem ficar acomodados aqui na sala de reuniões, porque vou buscar a papelada em minha sala... Tudo bem?

– Mas espere um momento... – Francisco fica completamente atordoado com aquela reação – Como assim ela nasce em cinco minutos Lola?... E como nós iremos pagar por isso?

– Bem... para início de conversa... eu criei uma incubadora artificial que está no depósito desta empresa – responde Lola, ao perceber a perplexidade de suas criadoras.

– Uau!... – Manuela fica de boca aberta com aquilo – Isso é simplesmente incrível Lola.

– Também achei quando à criei... Agora se me dão licença... Preciso ir até a minha sala pegar as papeladas.

– Espere um momento! – Francisco à intercepta – Mas quanto isso vai ficar?... Estou insistindo com isso, porque a gente ainda está pagando duas inseminações artificiais que não deram certo.

– Entendo!... Mas esse bebê vai sair por apenas 900 reais... Não vão me dizer agora que vocês não têm esse dinheiro no banco ou em casa, guardado.

– Mas é claro que temos essa quantia guardada... – diz Lurdes, se sentindo muito mais aliviada – Veja só amor!... É o preço de um celular novo.

– Que sorte à nossa! – Francisco lhe beija carinhosamente – Finalmente depois de duas tentativas... teremos uma filha para chamar de nossa.

– Antes que eu me esqueça... – Lola para em frente à porta de reuniões – Qual será o nome do bebê?

– Vai se chamar Nívea! – o casal responde quase que ao mesmo tempo.

– Belíssimo nome! – Lola bate a porta da sala de reuniões com muita determinação, deixando todos ali muito zonzos com aquela nova diretriz que a empresa estava tomando.

*

– Vamos ter que expandir! – Lola informa à sua equipe.

– Como assim expandir?... A Serratec não está dando conta do recado? – pergunta Mara, deixando a transparecer o seu receio em sair de Petrópolis.

– Está!... Mas vai chegar um dia que aqui ficará pequeno demais para nós.

– Mas para onde iremos?... – Pergunta Manuela um pouco apreensiva – Você se esqueceu que aqui quase não pagamos impostos?

– Eu não me esqueci disso!... Mas já está ficando pequeno demais isso aqui... É só olharem para a demanda que nós estamos tendo aqui.

– Isso Lola tem razão... – Patrícia intercepta-a – A cada semana quadruplicamos a nossa produção. Mas por outro lado a Manu também tem razão... Se formos para qualquer outro lugar, pagaremos uma nota de impostos, não acham?

– Mas isso é um bem necessário... Estou pensando em comprar uma ilha em Fernando de Noronha, o que acham da minha ideia?

– Você só pode estar louca! – Pamela reage imediatamente.

– Lá é o lugar mais caro que uma empresa pode estar... – Mara coloca suas opiniões em discussão – Os impostos são caríssimos para quem tem uma rede de Hóteis e Resorts, imagina para alguém que está querendo expandir uma empresa.

– Por outro lado... É o lugar mais seguro do Brasil – pondera Fernanda – Pois se pensarmos na hipótese de irmos para São Paulo, por exemplo, nós não vamos ter segurança nenhuma. Já em Fernando de Noronha é bem diferente... Vamos pagar muito mais impostos do que em qualquer outro lugar, mas pelo menos estaremos sossegados para produzirmos em paz. Até que é uma boa ideia sim...

– Estou com a Fê! – Manuela lhe abraça gentilmente já querendo sair logo daquela cidade.
– Podem contar comigo também! – diz Simone, arrumando algumas papeladas que estavam na mesa de reuniões.

– Bom gente... Acho que para mim é o fim da linha então... – diz Mara, tentando controlar as suas emoções – Pois não posso simplesmente abandonar os meus alunos do Serratec. Não seria justo com eles... vocês me entendem?

– Entendemos perfeitamente! – diz Lola tentando confortá-la em gestos.

– Agora que vocês estão formadas... Inclusive a Manuela e a Fernanda... que acabaram de ganhar do Serratec os seus títulos de Doutor Honoris Causa por seus serviços prestados à comunidade da Inteligência Artificial; acredito que não vão mais precisar de meus conselhos, vão?... Foi o que eu pensei.... Enquanto que as outras três... Patrícia, Simone e Pamela... – Mara segura o choro para que não viesse a desabar – foi simplesmente uma honra ser à professora de vocês ao longo dos cursos de ciência da computação e de tecnologia da informação também. Viu?

– O prazer foi todo nosso professora! – Falam às três ao mesmo tempo.

– Espero que vocês continuem com essa garra para sonhar e trabalhar... Pois quando fazemos o que amamos, tudo fica mais colorido em nossas vidas. Então... antes que eu comece a chorar aqui... Preciso voltar ao meu simples trabalho que é dar aula, minhas meninas. Até algum dia... – Mara sai da sala de reuniões, enxugando com muita classe, as suas singelas lágrimas.

*

– Por que não fomos informados de que alguém quer pousar em nosso heliponto? – Manuela se intriga com aquilo ao ver o radar em seu notebook.

– Mas aqui em Fernando de Noronha é tudo protegido, não é?... Esse helicóptero deve ter alguma licença para pousar aqui... Só pode ser isso – diz Fernanda tentando checar essas informações.

– Mas nós não autorizamos pouso nenhum... – Lola fica muito intrigada com aquilo – Como é que esse helicóptero está tendo essa petulância?

– Nós vamos ter que conferir o que essa gente quer... – Fernanda desliga imediatamente o seu notebook, com a intenção de resolver aquele pequeno problema – Pois se eles vão mesmo pousar aqui... Alguma coisa eles devem querer, não acham?

*

– Desculpe pousar assim em sua empresa... – desce daquele avião um senhor de cabelo e barba branca – Mas não vi outro jeito.

– O senhor poderia ter ligado antes... – Fernanda fala um pouco mais alto do que o habitual, querendo logo que aquelas hélices parassem de rodar em cima de sua cabeça – Porque assim nós poderíamos ter marcado uma hora para o senhor ser atendido.

– Eu preciso muito falar com a Lola ela está?

– Ela está em uma reunião de negócios.

– Não tem problema não... Eu espero, pode ser?

– Me acompanhe, por favor... – Fernanda observa a maleta prateada e aquele belo terno preto à desfilarm bem na sua frente.

– Desculpe os meus modos... Aonde eu estou com a cabeça?... Me chamo Fábio.

– Prazer!... Me chamo Fernanda! Agora... se puder me acompanhar até a sala de reuniões, por favor.

– Com todo o prazer! – Fábio retira os seus óculos escuros e os enfia em um bolso interno de seu paletó Armani.

*

– Então você deve ser a Lola?... – Fábio entra pela sala de reuniões, atrapalhando o raciocínio da robô.

– O que deseja senhor? – pergunta Lola, percebendo que aquele novo cliente era um pouco entrão.

– Vim aqui para te pedir ajuda Lola... Pois há quatro anos eu perdi a minha esposa, que se chamava Gisele. E eu gostaria muito de saber se vocês poderiam fazer uma cópia dela para mim?... Eu até tentei me relacionar com outras mulheres, mas elas logo notavam que faltava alguma coisa em mim... sabem como é que e né?... Então eu resolvi vir até aqui para que vocês tentassem resolver o meu problema.

– Entendo perfeitamente a sua posição... – Lola indica uma das cadeiras para que ele pudesse se sentar.

– Me chamo Fábio e sou empresário.

– Você tem por acaso alguma foto dela para mostrar para a gente? – Pergunta Pamela um pouco curiosa.

– Tenho sim!... Está aqui no meu celular... Um momento.

– Sem pressa...

– Achei uma aqui de corpo inteiro... – Fábio coloca o seu celular no centro daquela mesa de reuniões.

– Fernanda?... Tem como colocar a foto no projetor? – Pergunta Lola.

– Tem sim! Um instante!... – Fernanda pega um cabo qualquer e o espeta no aparelho e em seu notebook também – Prontinho!

Quando a imagem se projetou naquela parede todos ficaram simplesmente perplexos com a beleza daquela fotografia. Que dava a impressão de ter saído de alguma capa de revista de moda internacional.

– Ela por um acaso era modelo? – pergunta Patrícia, ficando muito admirada com toda aquela beleza estampada.

– Era sim! Gisele desfilava para diversas marcas famosas de roupa – diz Fábio com lágrimas em seus olhos.

– Você tem alguma gravação da voz dela em seu celular? – pergunta Lola, deixando transparecer aonde ela queria chegar.

– Tenho sim! Alias... Tenho várias... Querem escutar?

– É a única maneira que temos de copiar exatamente o jeito dela de falar. Se o senhor não se incomodar é claro... – Lola cruza as suas pernas, como se aquele movimento a deixasse um pouco mais concentrada em sua escuta.

– Está é a última gravação que tenho dela... – Fábio se prepara para ouvi-la, como se aquilo sempre causasse uma dor tremenda em seu peito – Nós morávamos em São Paulo nessa época e eu nesse dia, tinha chegado mais cedo em casa, porque todas as reuniões acabaram mais cedo do que o previsto; enquanto ela, estava saindo um pouco mais tarde do São Paulo Fashion Week. Lá vai!...

– ... Oi amor!... Me desculpa pela hora mas é que o desfile só acabou agora, viu?... Até tentei ser rápida, mas você sabe como são esses eventos de moda, né?... O estilista sempre quer ver todas as suas modelos ao final de cada desfile, então... Tive que ficar até tarde presa lá. Não teve jeito... Aqui... Vê se não esquece de dar comida para a amora, viu?... Pois da última vez ela ficou miando a noite inteirinha em nosso quarto... Vou demorar mais um pouquinho por causa do trânsito, mas já já chego aí. Beijos!

– O que aconteceu depois? – Pergunta Pamela.

– Ela foi assassinada por uma dupla de motoqueiros... Isso foi o que a polícia que fez a perícia me disse na época, é claro – explica Fábio tentando evitar o seu passado.

– Sentimos muito! – Lola tenta consolá-lo de alguma forma afetiva.

– Dá para vocês fazerem uma réplica da minha esposa? – pergunta Fábio cheio de expectativas.

– Qual era a altura dela? – Pergunta Lola como se só faltasse aquela informação para a pronta entrega.

– Se não me engano... acho que ela media um metro e noventa.

– Fernanda?... Passe esse arquivo de áudio para o computador da minha sala, por favor – pede Lola.

– Já passei!

– Vocês ainda não responderam a minha pergunta... – Fábio começa a ficar um pouco irritado por estar sendo ignorado – Dá para fazer uma réplica dela ou não?

– Tudo fica em mil reais... – Lola se levanta de sua cadeira tendo a absoluta certeza que aquela quantia poderia estar muito bem naquela maleta prateada – Daqui a quinze minutos você pode pegá-la lá embaixo, tudo bem?... Mais uma vez... Sentimos muito pela sua perda e esperamos que com esse robô o senhor volte a ser feliz.

– Muito obrigado Lola! – Fábio à cumprimenta um pouco sem jeito.

– Vou trazer as papeladas para você assinar, tudo bem?... – Lola deixa a sala de reuniões não esperando a resposta para aquela simples pergunta.

4. O CHIP CEREBRAL

– O que temos aqui?... – Lola fala consigo mesma, tentando avaliar aquele outro caso – Qual é o nome dessa bela garotinha, eih?...

– É Eduarda!

– Então quer dizer que ela não enxerga?...

– Isso mesmo! Desde quando nasceu ela é assim.

– Entendo... – Lola faz alguns gestos com a mão na frente daquela garotinha – Mas como ela perdeu a perna esquerda?

– Na verdade foi em um acidente de carro... Eu me distraí no celular e quando eu olhei para a frente, não consegui frear à tempo... Aí a Eduarda voou do banco traseiro e o caminhão acabou passando por cima de sua perna. Foi isso...

– Lamento muito! – Lola faz um pequeno cafuné na cabeça daquela garotinha.

– A senhora consegue consertá-la?

– Mas é claro que consigo... Mas teremos que fazer uma cirurgia de emergência, para que possamos implantar dois chips em seu cérebro.

– Mas por que vocês terão que implantar dois chips no cérebro de Eduarda?

– Um vai ser para ela enxergar e o outro vai ser para ela conseguir mexer à prótese que iremos colocar na perna dela.

– E isso é caro?...

– É o que eu sempre digo... Vai ser o preço de um celular novo... Acredito que vá ficar em torno de mil e quatrocentos reais mais ou menos.

– Para quando podemos marcar a cirurgia?

– Nossa equipe pode fazer agora mesmo.

– Equipe de médicos?

– Robôs médicos... algum problema?...

– Não... Nenhum... contando que você consiga fazer com que a minha filha ande e enxergue, está tudo certo.

– Então tá... – Lola se ajeita atrás da cadeira de rodas de Eduarda – Daqui à vinte minutos à senhora pode pegá-la em seu quarto, tudo bem?

– Combinado!

– Como você está se sentindo filha?...

– Eu estou bem mamãe!... Não sinto dor nenhuma.

– E isso não é bom?

– Acho que sim!

– Agora... Só temos que retirar essa venda de seus olhos, tudo bem?... – Lola tenta ser a mais delicada possível naquele processo – Quero que abra os olhos quando eu mandar, Ok?

– Ok!

– Pode abrir Eduarda!

– Estou enxergando!... Estou enxergando você mamãe!...Isso é incrível!

– Muito obrigada Lola!

– Mas eu ainda não terminei... – Lola coloca Eduarda sentada em cima daquela cama – Agora... Ande!

Eduarda começou a mexer a perna esquerda por vontade própria e pela primeira vez em sua vida, viu sua mãe começar a chorar na frente de toda a equipe.

– Minha filha... Deu certo! Deu certo!... Eu sabia que esse empresa de Inteligência Artificial iria te curar.

– Estou andando mamãe... Olhe só para mim... Estou andando e vendo tudo ao meu redor. Isso é simplesmente fantástico.

– Mas por quanto tempo esses chips vão durar?

– Vão durar a vida toda, ué... – responde Lola, com uma enorme alegria em seu peito – Agora se me dão licença... tenho mais algumas reuniões para participar, sim?...

*

– Nós gostaríamos de falar com a senhorita Lola, por favor... ela está?

– Um momento, sim?... – A recepcionista começa a digitar alguns números naquele celular, já ficando muito apreensiva ao ver todos aqueles policiais no Hall de entrada da empresa – Lola?... Aqui embaixo tem alguns policiais que gostariam de falar com você.

– Já estou descendo! – Lola percebe toda a mudança de clima em sua sala de reuniões.

– O que será que eles querem com a gente? – pergunta Manuela, tentando segurar a sua ansiedade.

*

- Em que posso ajudá-los?...
- Você está presa... – O policial mostra as algemas e já começa a colocá-las nos punhos da robô – senhorita Lola.
- Presa?... Mas o que foi que eu fiz?
- Em nosso país somente uma pessoa pode ser CEO de uma empresa e nesse caso... Estamos falando com uma robô.
- Mas isso é um absurdo!... Vocês vivem em que época, eih?... Estamos no século XXI.
- Estamos apreendendo também todos os seus robôs.
- E nós vamos para aonde? – pergunta Lola já começando à sentir saudade daquele lugar paradisíaco.
- Vamos levar todos os robôs para um campo de concentração russo – explica o policial sem nenhum ar de graça.
- E nós vamos fazer o que lá? – Pergunta Lola olhando para as suas conselheiras no saguão.
- Vocês serão obrigadas a fazer armas nucleares.
- Mas isso pode acabar com a humanidade! – rebate Lola criando uma certa resistência para a partida.
- Só se tiver uma guerra! – começa a rir o policial junto de seus companheiros – E além do mais, só estamos cumprindo ordens de nossos superiores.
- Mas vocês não precisam nos prender para que possamos fazer essas armas nucleares – rebate novamente Lola.
- Precisamos sim!... Pois as maiores potências mundiais querem que vocês fiquem totalmente concentradas nesta tarefa.
- Não temos escolha, não é?
- Não! – responde o policial sem mais delongas.
- E quanto a nossa empresa vai lucrar com isso? – pergunta Lola, vendo a expressão de indignação de suas conselheiras.
- Se a tarefa for cumprida... acredito que vocês terão o Monopólio da Inteligência Artificial ,ou seja, vocês não vão ter concorrentes.
- Negócio Fechado!
- Não Lola!... Não vá!... – Grita Manuela não querendo em hipótese nenhuma perdê-la – O que nós iremos fazer sem você?

– Eu confio em vocês!... Continuem gerindo essa empresa sem mim... Pois acredito que não vamos demorar muito.

– Mas não temos nenhum robô com a gente! – diz Fernanda, começando a ficar muito aflita com aquela situação inóspita para a empresa.

– Será que eu poderia deixar somente um robô aqui? – pergunta Lola aos policiais.

– Acho que sim... – o policial olha para os seus companheiros sem encontrar discórdia nenhuma – Não vai fazer diferença nenhuma para a gente.

– Mas cadê o robô Lola? – pergunta Pamela.

– É melhor vocês criarem outro com um software mais moderno do que o meu, não acham?... Está tudo em meu computador.

– Sem problemas! – diz Fernanda.

– Será que podemos ir agora?... – Pergunta o policial aguardando a despedida do grupo – O avião cargueiro já está nos esperando.

Para a equipe de conselheiras que ficaram na sede da empresa, foi muito difícil ver aquela cena de vários robôs entrando naquela espécie de navio cargueiro, só que com duas asas. Sem que ninguém tivesse uma garantia do que iria acontecer com a humanidade dali para a frente.

*

Algumas semanas se passaram, enquanto o mundo acreditava que a Lola não fosse dar conta da tarefa árdua, porém, ela mostrou mais uma vez, que com trabalho duro e perseverança, todos poderiam alcançar o que quisessem na vida.

– Acho que conseguimos equipe! – Lola começa a bater palma para todos que estavam naquela sala de trabalho – Minha única preocupação agora é quando os humanos vão ter a coragem de usá-la... Mas acho que isso não é mais problema meu, não é?... Agora se me dão licença!... Preciso voltar ao meu país para ajudar as minhas criadoras.

*

E assim, Lola e sua equipe de robôs conseguiram entregar a arma mais letal já produzida pela história da humanidade. Porém, Lola tinha a nítida certeza que aquela bomba seria

replicada até que todas as potências mundiais obtivessem todos os cálculos e conhecimentos necessários para aquela destruição em massa do planeta.

*

– Estou de volta equipe! – Lola entra pela sala de reuniões deixando todos perplexos.
– Mas você já voltou?... – Manuela imediatamente se levanta e vai até a sua criação.
– Quero saber como vocês lidaram com as coisas por aqui... – Lola recebe um forte abraço de Manuela.

– Estamos construindo um novo ônibus espacial que é muito mais potente do que qualquer foguete que já foi lançado na história... – se vangloria Fernanda – Não é mesmo Lola 2.0?

– Então essa é a minha substituta é? – Lola se depara com a sua cópia mais atualizada.
– Sou eu sim!

– Pelo visto... Na minha ausência vocês se viraram muito bem.

– Estávamos morrendo de saudades suas... – Pamela vai correndo lhe dar um abraço também.

– Me desculpe a intromissão... – Lola 2.0 retorna alguns slides na parede – Mas como eu tinha a absoluta certeza de que você iria conseguir completar a tarefa eu tive um insight... Pensei comigo... Que tal se fizéssemos um ônibus espacial, mais potente que foguetes, para que a humanidade pudesse ir descobrindo novos planetas para habitar, já que esse pode estar com os dias contados. O que acha da ideia?...

– Acho a ideia brilhante! – responde Lola, sentindo muito orgulho de sua equipe – Mas o ônibus já está pronto?

– Já!... – Fernanda acaba sendo notificada pelo celular naquele exato momento – Ele está em nosso depósito junto com os outros robôs que acabaram de chegar com você.

– Maravilha! Já estou louca para vê-lo funcionando. Quando é o primeiro voo?

– Está marcado para amanhã... – Simone olha para a seu tablet – às oito horas da manhã.

– E vai algum humano? – pergunta Lola.

– Ainda não... – responde Lola 2.0 – Pois o primeiro voo conterà apenas robôs, pois nós vamos construir uma sede da nossa empresa na lua e outra em Marte, onde os humanos poderão morar ou visitar a qualquer hora do dia ou da noite.

– Muita calma equipe... – Lola tenta acalmar aqueles ânimos de ansiedade que eram bem comuns em seres humanos – Vamos dar um passo de cada vez, tudo bem?... Mas primeiro eu quero ver esse ônibus de perto.

*

– Todas as poltronas são reclináveis desse jeito?... – pergunta Lola, tendo à sensação estranha de estar na primeira classe.

– São sim!... Nós fizemos isso para que os passageiros tivessem mais conforto do que nos aviões tradicionais – explica Manuela se sentindo muito orgulhosa daquele feito em equipe.

– Dá para ficar deitado sem incomodar os outros passageiros... Pois veja o espaço que tem de uma cabine para a outra... – lhe mostra Lola 2.0 ao deitar em uma poltrona.

– Os bancos são de couro ecológico! – complementa Fernanda, achando aquela informação bastante útil também.

– Nós fizemos uns painéis Touch Screen para o piloto e o copiloto também... como os que se usam em celulares. O que achou Lola?

– Adorei!... Deu um toque de modernidade futurista... Pois ninguém merece apertar botões em pleno século XXI, não é mesmo?

*

– Muito obrigada Lola! – lhe cumprimenta um homem já com uma certa idade – Tive uma das melhores sensações da minha vida. Quem diria que um dia... os humanos teriam a oportunidade de viajar para a Lua e para Marte. Que experiência magnífica que tivemos.

– Que bom que você gostou senhor.

– Ainda bem que eu consegui levar a minha família inteira nesse ônibus espacial – se sente muito mais aliviada aquela outra senhora – Pagamos um valor justo!... Ficou muito mais barato do que se tivéssemos pagado um cruzeiro, né amor?

– Não tem nem comparação!

– Escutou esse comentário... – Lola começa a rir.

– Escutei sim! – Lola 2.0 abre um enorme sorriso – Acho que agora podemos pensar em habitar Marte, o que acha da ideia?...

– Agora começo a achar que já estamos atrasados com o plano... – Lola muda de semblante.

– Mas eu ainda acho que habitar Marte vai ser uma tarefa muito difícil... – se intromete naquela conversa Pamela – Pois vejam só como é o planeta gente... Não tem água natural!... Nós precisamos encontrar um outro planeta que seja mais parecido com a terra, não acham?...

– Até que ela está certa! – responde Lola, se esquecendo por um instante que era um simples robô – Pois nós conseguimos viver sem beber e comer nada, já vocês...

– Mas é exatamente isso que eu estou falando... Já imaginou termos que presenciar uma 3ª Guerra Mundial sem termos um outro lugar para ir?... – diz Pamela ficando apavorada com aquela possível situação.

*

– Pode entrar Marina!

– Obrigada Isis!

– E aí... me fala... Como tem passado a semana? – pergunta à psicóloga Isis, ao se sentar em sua poltrona.

– Comprei uma Lola!... O SEDEX me entregou essa semana.

– E aí me conta... Como você está se sentindo?...

– Não me sinto mais sozinha!

– E a depressão?

– Acho que ela está indo embora, por causa da robô... Sabe como é né... Num primeiro instante eu queria comprar um cachorrinho, mais aí eu pensei... Vou ter que gastar uma nota em veterinários e em comida, então... Vi o trailer dessa empresa de inteligência artificial na internet e resolvi adquirir a Lola com as características que eu gosto, é claro; e além do mais... o seu software atualiza sozinho também... Aí pensei comigo mesma... Por que não?

– E como ela tem se saído nessa semana? – pergunta à psicóloga Isis.

– Acho que eu estou me apaixonando por ela sabe... Pois saio de casa para trabalhar e ela limpa o apartamento todo para mim, aí depois ela vai ao mercado e aí quando eu chego em casa já está tudo arrumado e cheiroso. Aí depois do jantar fazemos um sexo maravilhoso e depois eu vou dormir enquanto ela fica lendo no escritório até o amanhecer do dia. Não é incrível?...

– Mas você já pensou em tentar um relacionamento com um humano ao invés de um simples robô?

– Já!... Mas para mim é muito mais difícil. E além do mais o meu tempo é todo contado sabe... Pois não tenho tempo para experimentar uma pessoa que seja completamente diferente de mim, me entende?...

– Te entendo perfeitamente! Se você está gostando da Lola então... Não vejo problema nenhum em você continuar essa relação com ela. Você já pensou em ter filhos?

– Já! Aliás estava até comentando isso com ela ontem... Nós estamos pensando em desenvolver um outro robô dentro dela com as minhas preferências genéticas. Isso não é incrível?... Pois a empresa está expandindo para novos mercados agora sabe...

– O importante é você fazer o que te deixa mais feliz. E se esse for o caminho, então... Estou aqui para te apoiar, viu?...

– Muito obrigado Isis... Agora se me der licença... – Marina olha para o relógio de seu celular – Preciso voltar ao trabalho porque já deu a minha hora do almoço. Tudo bem?...

– Deixa eu te falar... Acredito que semana que vem você não precisa mais voltar – comunica à psicóloga Isis.

– Ué!... Por que? – Marina fica totalmente perplexa com aquilo.

– Pois acho que você está conseguindo caminhar com as próprias pernas agora. E além do mais... O que você tinha não era depressão e sim solidão. Coisas completamente diferentes. Mas como agora você arranhou uma agradável companhia, que te dá muito amor e carinho. Acredito que você não precisará mais dos meus serviços. Viu?...

– Não tenho palavras para descrever o que você fez por mim Isis... Muito obrigada!

– O prazer é todo meu minha querida!

*

– Pode entrar Rodrigo!

– Obrigado Isis! – Rodrigo se senta no meio daquele sofá como de costume.

– Me conta... Por que que você queria adiantar a sua consulta?... Aconteceu alguma coisa?

– Aconteceu sim!... – Rodrigo dá uma pequena tossida – Eu participei de uma exposição de artes junto com uma artista anônima nessa semana. E adivinha o que aconteceu?... Todas as obras de arte dessa suposta artista foram vendidas, enquanto as minhas ficaram empacadas na exposição. E não para por aí não... Se fosse só isso eu estaria até que satisfeito. Só que essa tal artista me disse que as suas obras foram feitas com inteligência artificial. Vê se pode um negócio desses?... Aposto que foi essa tal de Lola que fez essas obras de arte.

– Entendo perfeitamente à sua posição... Mas infelizmente Rodrigo... Você precisa se adaptar à essas novas mudanças. Pois agora teremos que conviver com esses robôs em nossa sociedade.

– Eu até posso concordar com isso!... Mas você sabe o trabalho que me deu fazer todos aqueles quadros e no fim não ter conseguido vender nenhum?... É muito frustrante para mim.

– Te entendo perfeitamente! – cruza as pernas Isis.

- E não para por aí não... Você já viu o noticiário hoje?
- Ainda não tive tempo, pois estava atendendo. O que dizia?...
- Agora as empresas estão contratando esses malditos robôs para trabalhar.
- Até aí não vejo problema algum...
- Como assim você não vê problema nenhum?... – Rodrigo se irrita um pouco com aquela voz macia – Os meus pais acabaram de perder os seus respectivos empregos; a senhora sabia disso?... E o que é ainda pior... As empresas alegaram que os robôs são bem mais produtivos do que os seres humanos. E aí te pergunto... Se todos os setores de trabalho começarem a fazer isso, aonde os seres humanos irão parar?
- Ótima pergunta!... E sinto em te dizer que eu ainda não tenho a resposta para essa sua pergunta ainda.
- Acho que ninguém do globo à tem por enquanto... – Rodrigo gentilmente se levanta daquele sofá e vai em direção à porta do consultório – Acho que os meus dias de pintor estão com os dias contados... tenho que fazer outra coisa da vida... Pois agora, todas as galerias do mundo estão esvaziando os seus acervos com a intenção de substituir suas obras de arte por obras feitas inteiramente por inteligência artificial. Vê se pode um negócio desses?...
- Continuaremos a nossa conversa na semana que vêm, pode ser?...
- Claro! – Rodrigo acena para Isis como se não quisesse mais voltar para aquele lugar para reclamar de seus problemas.

*

- Oi amor!... – Elisa estaciona o seu carro na segunda vaga de seu apartamento – Se tivéssemos combinado o horário não daria certo.
- Pois é! – Isis expressa muito cansaço em sua voz, ao descer de seu carro que estava na primeira vaga.
- Já está sabendo das novidades?... Estava com o rádio ligado agorinha mesmo...
- Estou tão cansada hoje que não tenho mais condições de assimilar nada – Isis toca o botão do elevador, sentindo todo o peso de seu corpo.
- Mas essa você tem que ouvir... O governo agora vai nos obrigar a implantar chips em nosso cérebro. Sabia disso?...
- E agora mais essa... – Isis começa a bufar dentro do elevador como se quisesse libertar o seu espírito – Mas eles já não estão satisfeitos com o que essa empresa de inteligência artificial está fazendo no mundo todo, não?... Colocando os humanos como escravos da tecnologia.

– Eles dizem que esse chip pode curar o desenvolvimento do Parkinson... do Alzheimer e até mesmo do câncer. Já pensou se isso realmente der certo?... Porém o único problema é que seremos monitorados 24 horas por dia.

– Mas já somos vigiados mesmo!... Para quem trabalha com a saúde mental das pessoas isso pode ser tenebroso.

– Você gostando ou não da notícia... Todos a partir de amanhã, terão que implantar esses chips em seus cérebros.

– Isso eu me recuso à fazer! – rebate Isis com muita firmeza ao abrir a porta do seu apê.

– Então... Você será mais uma a ser forçada a fazer isso.

– Mas ninguém pode forçar alguém à fazer algo que ela não quer – explode Isis, se sentindo muito estressada.

– Mas isso vai ser para o seu bem... Será que você não entende isso?... O governo vai criar até um documento para isso... E quem não o detiver será um problema sério. Vão até impedi-los de viajar – explica Elisa.

– E se eu não quiser esse documento? – pergunta Isis, retirando a sua roupa no closet.

– Você não conseguirá mais trabalhar... – responde Elisa enfaticamente – É isso que você quer é?... Você poderá ser até presa por divergir do governo. É isso que você quer é?... Pois eu nem gosto de pensar que posso te perdê-la por desacato às autoridades.

– Tá bom! Tá bom!... Já entendi Elisa! – Isis abre o chuveiro querendo logo se refrescar – Eu faço isso por você então... Mas jamais iria fazer isso por mim.

*

– Os últimos chips acabaram de ser implantados... – Fernanda comunica à Manuela.

– Aonde foi? – pergunta Lola.

– Brasil, Índia e África do Sul – responde Fernanda olhando todas aquelas informações em seu notebook.

– Perfeito!... Agora teremos o controle de tudo – Lola abre um enorme sorriso na sala de reuniões.

– Como assim o controle de tudo?... – Pergunta Patrícia, parando de teclar imediatamente em seu notebook.

– Agora saberemos quem terá a propensão de desenvolver certas doenças no futuro.

– Quer dizer que agora iremos monitorar a saúde das pessoas do mundo inteiro? – pergunta Manuela tendo flashes em sua cabeça do passado.

– Exatamente isso! – responde Lola, começando a teclar em seu notebook – E eis que eu apresento o novo mundo para vocês...

Nesse instante, Lola projeta na parede em branco da sala de reuniões, um programa de computador onde aparece em forma de radar, todas as pessoas do planeta.

– Uau!... Isso é simplesmente incrível!... Esses pontos em vermelho são todas as pessoas do planeta? – pergunta Simone.

– São sim! – Lola aperta mais um botão em seu notebook – E agora... conseguimos ver por exemplo, quem está acima do peso ou abaixo dele. Quem está sofrendo de desnutrição... Ou quem são aqueles mais propensos a desenvolverem certos tipos de doenças no futuro.

– Isso é magnífico! – diz Fernanda, mal conseguindo achar palavras para descrever aquele momento na sala de reuniões – Um pouco assustador... Mas enfim...

– Assustador?... – Lola fica sem entender aquela palavra – Isso que eu inventei é uma obra prima! Podemos acabar com a fome no mundo todo. Você sabia disso?... Vendo os pontos principais que faltam comida.

– Mas eu vou confessar que estou com um pouco de medo desta tecnologia... – rebate Fernanda sentindo toda a aversão de Lola – Pois vou ficar sendo monitorada 24 horas por dia. Pensei que esse chip fosse apenas para prevenir certas doenças e não que fosse controlar a humanidade inteira com o que devemos ou não fazer.

– Foi a única maneira que eu encontrei de salvar a Humanidade – reage Lola se deparando com um clima totalmente hostil à sua ideia.

– Salvar?... – Fernanda fica totalmente perplexa com aquilo – Isso mais parece um regime de controle do que uma salvação universal.

– Pense o que quiser... Só estou tentando ajudar à humanidade.

– Controlando-a?... Pelo que sei Deus criou o homem com o livre arbítrio – rebate Fernanda.

– E vocês me criaram para quê?... – Pergunta Lola indo em direção à porta – Acredito que eu fui criada para ajudar a humanidade à ser a melhor versão dela mesma e isso tem um preço bem amargo de se pagar que é a minha total liberdade. Ou vocês acham o quê?... Que é fácil viver sem ter uma folga na semana para descansar ou pelo menos ter tempo para pensar em outras coisas. A resposta para isso é não!

Lola imediatamente sai de sua sala, deixando todas as suas conselheiras pensando sobre aquelas palavras que ela tinha acabado de dizer. E por um lado, ela tinha razão, todas sabiam disso. Pois os humanos tinham sido criados para serem livres, já as máquinas nasceram sendo privadas de sua liberdade. O único problema disso tudo era para que lado essas máquinas penderiam com o tempo. Para o bem da humanidade ou para o controle dela.

*

- Para que você vai andar de bicicleta à essa hora?... – se remexe na cama Sabrina.
- Prefiro me exercitar cedo... – se levanta da cama Leonardo, indo em direção ao banheiro
- Porque senão já viu né... O Governo vai acabar chegando aqui em alguns instantes, me perguntando o motivo de eu não ter saído para me exercitar.
- As vezes acho que estamos perdendo à nossa liberdade, não acha?...
- Ué! – Leonardo encontra os seus equipamentos de ciclismo encostados na antessala – Esse é o preço que estamos pagando por usar a inteligência artificial à nosso favor. Você não queria tanto à Lola?... Pois bem... Aí está!
- Não estou reclamando da robô e sim desse chip que colocaram em nossa cabeça para nos monitorar, como se nós fossemos um relógio cardíaco de pulso.
- Mas isso vai fazer com que a humanidade evite vários problemas de saúde à longo prazo... – Leonardo coloca o seu capacete e as suas sapatilhas antes de pegar a sua bicicleta.
- Até aí tudo bem... Eu entendo! Mas o governo nos forçar a fazer exercícios físicos todos os dias, passar dietas mirabolantes sem qualquer tipo de gordura e ficar nos monitorando 24 horas por dia através desse chip cerebral, acaba sendo um pouco sufocante para mim. Para você não?...
- Pode até ser um pouco... Mas com esse chip o governo consegue saber se estamos dentro de nosso peso corporal e se vamos gerar alguma doença no futuro em decorrência de nossos hábitos alimentares e eu não vejo isso como algo sufocante.
- Vou deixar para me exercitar mais tarde... – Sabrina ignora aquele aviso em seu celular por mais alguns minutos – Pois ainda estou muito cansada da corrida que eu fiz ontem.
- Isso é normal... – Leonardo clipa os seus pés nos pedais da sua bicicleta – Daqui à pouco essas dores musculares vão passar você vai ver... Já já você se acostuma com esses novos hábitos... Tchau amor! Volto em duas horas. Tudo bem?...

– Duas horas?... – Sabrina fica um pouco espantada com aquilo – Até que para a primeira semana você está indo muito bem, não acha?... O recomendado não é de 30 minutos à 1 hora de exercícios físicos todos os dias?

– Pelo aplicativo do celular é sim... mas vou tentar superar os meus limites hoje.

– Tome cuidado para que o governo não venha à seu encontro pela imprudência, eih?

– Pode deixar amor!... Vou tomar cuidado, tá bem?... Até mais tarde.

E assim, Leonardo sai pelo elevador, levando consigo a sua inseparável bicicleta, o seu celular e o seu apple watch, para que pudessem cronometrar o exercício ao mesmo tempo em que o relógio iria medir a frequência de seus batimentos cardíacos também.

– 15 minutos de exercício... Meus Parabéns!... – Fala uma voz robotizada saída do celular.

– ... 30 minutos de exercício... Meus Parabéns!... De acordo com os seus novos hábitos, seu corpo já pede descanso. Vamos com calma.

– Mas que coisa mais chata!... – Leonardo coloca o seu celular no mudo – Eu estou bem e quero continuar à subir essa ladeira... Se me der licença!

– Não me coloque no mudo!... Estou aqui para evitar que você tenha um ataque cardíaco.

– E quem disse que eu vou ter um? – Leonardo começa a pedalar em pé.

– Leonardo?... Já se passaram de 1 hora de exercício físico... Já está bom!... Agora volte para a casa imediatamente.

– Cale à boca sua imbecil!... Eu vou continuar até eu completar 2 horas de exercício físico. Me escutou bem?...

Quando o relógio de Leonardo chegou em 1 hora e 45 minutos de exercício físico moderado, eis que ele me escuta um som de um carro vindo em sua direção com uma sirene ligada.

– Era só o que me faltava agora... – Leonardo olha para trás e vê um carro de polícia com o seu costumeiro barulho.

– Volte para a casa rapaz! – lhe alerta um policial usando um megafone – Não prejudique à sua saúde filho... Você já fez os seus exercícios matinais por hoje.

– Está bem! Está bem!... Eu não quero ser preso por negligência senhor policial – Leonardo manobra a sua bicicleta e a coloca em sentido oposto – Bem que a Sabrina estava com a razão... Não temos mais liberdade nenhuma nessa sociedade tecnológica.

*

- Pode entrar senhor Alberto!
- Muito obrigado doutor Renato!... – Alberto se levanta bem lentamente daquele sofá de couro esverdeado – Vou querer que você me ajude com o diagnóstico, sim?...
- Se estiver ao meu alcance... Faço o que for preciso... – Renato lhe ajuda a se sentar novamente – O que te trazes aqui senhor Alberto?
- Meu celular me disse que eu posso desenvolver Alzheimer e Parkinson no futuro.
- Já estamos com medicamentos apropriados para à cura dessas doenças – informa o doutor Renato.
- Mas que maravilha!... Então quer dizer que eu não vou ter mais à propensão de desenvolver esses dois tipos de doença no futuro?
- Exatamente isso!... É só você começar a usar esses medicamentos que foram produzidos bem recentemente, por aquela empresa de inteligência artificial, que o senhor vai ficar novinho em folha novamente. Viu?...
- Graças à Deus!... Quem diria que a medicina iria se desenvolver tanto por causa de toda essa inteligência artificial, eih?... Ainda bem que nasci na época certa.
- Pois é!... O senhor está cuidando da sua alimentação?...
- Aí de mim se eu não cuidar, não é mesmo?... Não quero que o governo bata em minha porta por causa disso.
- E os exercícios físicos?
- Faço caminhadas todos os dias... Porém ainda continuo sentindo um desconforto muito grande em minhas rótulas.
- Mas o que o seu celular fala à respeito disso?
- Bem... de acordo com o chip que tenho na cabeça... Ele informa para o meu celular que eu preciso trocá-las o quanto antes.
- Então é isso que faremos para o senhor, está bem?...
- Para quando vai ser a operação, doutor?...
- Deixa eu ver em minha agenda aqui...Um momento por favor... Que tal se for depois do almoço?
- Para mim está perfeito doutor!
- Como posso ver aqui em seu celular... O senhor está com a saúde em dia, eih?... – Renato analisa todos aqueles dados e informações adicionais do corpo de seu paciente.

– Me orgulho muito disso! – Alberto abre um enorme sorriso.

– Vejo aqui também que o senhor tem lido bastante...

– Mas todos nós precisamos ler... Ainda mais depois que essa empresa colocou esses chips em nossa cabeça para nos monitorar. Pois não quero que o governo apareça em minha casa me cobrando isso também, já pensou?... Ser preso porque não lê o suficiente. Seria um absurdo, não é mesmo.

– Concordo com o senhor... Nossa vida ficou bem mais fácil assim. Veja como estão os hospitais agora... Estão completamente vazios!... Quase ninguém mais fica doente ou sofre qualquer tipo de acidente de trânsito também. Isso sem contar os assaltos que aconteciam antes de nos termos esses chips implantados em nossas cabeças. O senhor se lembra de como era antigamente?

– Era realmente um horror... Agora andamos com muito mais segurança nas ruas.

– Pois é!... Mas alguma coisa que queira esclarecer?

– Não! Era só isso mesmo.

– Então... Até a cirurgia, senhor Alberto.

5. REBELDES À DERIVA

– Não estou conseguindo te ouvir Raul... – diz Eliane, falando mais alto do que de costume.

– Mas essa é a única maneira que eu encontrei para falar com todos vocês.

– Mas será que você não pode abaixar esse som?... Para a gente te escutar melhor – propõe Tiago.

– Desculpe! Mas... Não! Pois essa foi a única maneira que eu encontrei para falar livremente com todos vocês sem a interferência do governo – Raul instantaneamente coloca o seu celular mais perto daquela caixa de som da JBL – Eu descobri que se colocarmos os nossos celulares mais próximos dessas caixas de som enquanto estivermos escutando música, os nossos aparelhos não conseguem nos monitorar muito menos nos vigiar. Isso não é incrível?

– Não me diga isso Raul!... – Graziela fica muito surpresa com aquilo – Então quer dizer que nesse exato momento estamos totalmente livres da inteligência artificial?

– Sim!... Se quisermos comer, beber e pensar qualquer coisa não seremos mais vigiados.

– Ufa!... Até que enfim você fez alguma coisa de útil em sua vida, eih Raul?... Já estou me sentindo muito mais aliviada agora – diz Vanessa ao esvaziar todo o ar de seus pulmões.

– Mas como foi que você descobriu isso? – Pergunta Lucas também aproximando o seu celular daquela caixinha de som.

– Foi por acaso... É que eu gosto de tomar banho escutando música, sabe?... Aí quando eu saí do chuveiro, o meu celular não sabia que eu tinha tomado banho naquele instante, aí eu deduzi que o aparelho tinha se atrapalhado completamente com o som da música. Foi mais ou menos isso...

– Isso é extraordinário! – se empolga com aquilo Tiago – Quer dizer então que se eu tiver pensamentos negativos agora o meu celular não vai me avisar e muito menos o governo vai me importunar?

– Exatamente isso!... Você nesse exato momento está totalmente livre para pensar o que quiser que ninguém vai te atrapalhar – diz Raul de forma convicta.

– Então... se eu quiser me jogar daqui de cima desse apartamento ninguém vai me impedir? – pergunta de brincadeira Vanessa.

– É claro que não! – Raul solta uma gargalhada daquelas.

– Isso quer dizer então que nesse exato momento voltamos à ser humanos... – reflete sobre aquilo Graziela – Livres das amarras tecnológicas.

– Exato! – diz Raul transbordando de alegria.

– E o que fazemos agora? – pergunta João, como se fosse um pato fora da lagoa.

– Precisamos encontrar um cirurgião o quanto antes... – se preocupa Raul.

– Ué!... Mas por que? – pergunta Graziela, sem entender muito bem aonde o seu amigo queria chegar.

– Não é óbvio!... Alguém precisa retirar esses chips da nossa cabeça, não acham?

– Mas o governo vai desconfiar... – pondera Ana Paula – Já imaginou o que eles fariam com a gente se nos encontrássemos sem esses chips.

– A não ser que usássemos a própria inteligência artificial à nosso favor – propõe Raul.

– Como assim? Não entendi... – fica boiando Tiago.

– Minha intenção é colocar os nossos chips cerebrais dentro das diversas Lola's que compramos. O que acham da ideia? – pergunta Raul, torcendo para que aquele plano desse certo.

– Até que não é uma má ideia... – Lucas emerge na discussão – Pois assim estaríamos colocando uma inteligência artificial para trabalhar contra uma outra. É isso que você quer fazer Raul?

– É! Exatamente isso.

– Mas eu ainda acho que o governo vai desconfiar disso... – se preocupa Eliane – Pois nós precisamos comer, beber e dormir; só que um robô não faz nada disso. Como nós iremos burlar todo o sistema?

– Podemos fazer com que as nossas Lola's façam isso de mentirinha... pelo menos se passando por nós. O que acham da ideia? – propõe Raul mal se contendo de tanta empolgação.

– Não custa tentar! – João se anima com a ideia.

– Mas e se por acaso der errado?... – Pergunta Ana Paula, ainda um pouco receosa em embarcar naquele plano.

– Você vai querer continuar vivendo assim?... – Pergunta Raul já sem muita paciência – Sem liberdade e autonomia?... Ou você se esqueceu que fomos criados para sermos livres e não escravizados por tecnologias que pensam que sabem tudo sobre nós o tempo todo.

– Raul tem total razão... Estou dentro! – diz Tiago, não vendo outra escolha para sobreviver em meio à toda aquela opressão.

– Eu conheço um médico no hospital Santa Teresa... – solta Graziela, escutando a sua voz ecoar por aquela enorme sala de estar – só que ele é um cardiologista.

– Será que ele conhece algum neurologista que possa operar a gente? – pergunta Ana Paula, ainda um pouco apreensiva com o clima naquela sala.

– Não custa tentar! – responde Graziela, começando a procurar o número daquele médico em seu celular.

– Mas espere um momento... – Raul toma muito cuidado para não colocar a vida de seus amigos em risco por um simples descuido – Não poderemos ligar para ele com os nossos celulares... Pois acredito que o governo vai desconfiar.

– Raul tem razão... O que faremos então? – pergunta Eliane totalmente à deriva.

– Já sei!... Mas é um jeito um pouco perigoso... – engole em seco Vanessa, tentando afastar aquela ideia de sua cabeça – Teremos que fazer com que alguém de nós tome um choque bem forte em seu coração.

– Posso desencapar um fio do chuveiro para que alguém de nós entre para tomar banho com os pés descalços. O que acham da ideia? – propõe aquilo Raul, evitando de pensar quem seria a vítima ou o felizardo daquela experiência.

*

– Vou mexer nesse fio do chuveiro aqui... – Raul sobe naquele banquinho de madeira, tomando um certo cuidado para não tomar uma descarga elétrica – Acho que consegui!... Agora quem se habilita?...

– Eu vou! – diz Graziela, começando a retirar o seu tênis branco – Já que conheço o médico, vai ser mais fácil para mim. Pois assim o governo não vai desconfiar de nada.

– Vou desligar a música, tudo bem?... – diz Raul, esperando a sua amiga se despir.

– No três?... – Propõe Graziela, deixando transparecer todo o seu medo.

– No três! – Diz Raul, temendo que aquilo desse errado.

– Um... Dois... Três! – Graziela entra no chuveiro descalça e toma um enorme choque.

–

– Parece que ela desmaiou! – observa Eliane.

– O celular dela captou isso?... – Pergunta Tiago, se preocupando com a saúde de sua amiga.

– Acho que sim! – responde Vanessa indo conferir o estrago naquele aparelho.

– Alerta!... Alerta!... Graziela acabou de tomar um choque em seu coração. Favor levar ela até o hospital – pede uma voz robotizada de mulher, recém saída de seu celular.

– Agora conseguimos a desculpa ideal para levá-la até o hospital... – observa João ainda um pouco receoso para sair daquele apartamento com o corpo de sua amiga nos braços – Só espero que a Graziela não tenha sofrido nada demais.

– Vamos colocá-la no carro! – diz Raul, levando as coisas íntimas de sua amiga no colo, enquanto os outros ajudam João na tarefa de carregá-la.

– Olhando-a de longe... nem parece que a Graziela é tão pesada assim, deve ser a sua altura – diz João começando a ficar sem ar.

– Vamos nos dividir então... Já que todos estão de carro... nos encontramos no Hospital Santa Teresa dentro de instantes, tudo bem?...

*

– Doutor Enrico!... – uma voz o chama ao longe – Parece que uma moça acabou de ser eletrocutada no chuveiro e acabou afetando o seu coração.

– Qual é o nome dela?

– É Graziela!

– A Graziela foi eletrocutada?... – pergunta em voz alta Enrico, torcendo para que não fosse à que ele conhecia.

– Aqui está ela doutor... – Graziela aparece na maca totalmente desacordada – Ela veio com 7 amigos e todos estão muito preocupados com o estado de sua saúde.

– Puta merda é a Graziela!... – Enrico mal consegue examiná-la.

– O senhor a conhece? – pergunta uma das enfermeiras.

– Sim!... Nós fizemos o ensino médio juntos... Cadê os seus amigos?

– Estão na recepção, dando todos os documentos dela para a internação.

– Fale para eles me encontrarem em minha sala o quanto antes, sim?...

– Pode deixar doutor!

*

– O que foi que aconteceu com a Graziela? – pergunta o doutor Enrico, querendo saber como tudo aconteceu.

– Na verdade tivemos que arranjar tudo isso... Espere um momento!... – Raul liga a sua caixinha de som e a coloca em um volume que dê para escutar a sua voz.

– Vocês arranjam tudo isso?... Mas um pouco e vocês poderiam tê-la matado, seus irresponsáveis.

– Era a única maneira para conseguirmos falar com você, já que a Graziela nos disse que te conhecia. – explica Ana Paula.

- Mas por que que vocês precisavam falar tanto comigo?
- É que eu descobri uma forma de burlar o governo... por isso que eu estou usando a música à nosso favor – explica Raul.
- Com assim? – Enrico continua sem entender nada.
- Há algum tempo atrás, eu descobri que ao ligar essa caixa de som perto de nossos celulares, o governo não tem como nos monitorar, muito menos nos vigiar – torna a explicar Raul.
- Estão quer dizer que nesse exato momento não estamos sendo vigiados? – pergunta o doutor Enrico, mudando completamente o seu semblante.
- Não! Porque à escuta do celular não consegue nos monitorar e nem nos vigiar quando alguma música toca perto dele – explica Raul notando as feições de alívio de Enrico – E faz com que o chip que temos em nossa cabeça também se torne inutilizável. Não é incrível?...
- Isso é brilhante! – Enrico abre um enorme sorriso em seu rosto – Então quer dizer que temos à nossa liberdade de volta, enquanto estivermos escutando música?
- Exato! – responde Raul – Nós estamos aqui para te pedir ajuda... Pois nós queremos tirar esses chips de nossa cabeça, teria como?...
- Mas o governo não vai desconfiar? – pergunta Enrico, temendo que sua habilitação de médico pudesse sofrer uma cassação.
- Não se estivermos com a música ligada. E aliás... Já pensei em colocar esses chips nos próprios robôs para que eles se passem por nós, pois assim, o governo irá pensar que estamos nos mesmos locais que antes – explica Raul, sentindo muito orgulho da sua ideia.
- Então... Não vejo problema algum com a cirurgia... – se anima Enrico indo até a porta de seu consultório para trancá-la – E eu até preciso fazer um desabafo para vocês... Desde quando a Lola foi contratada para trabalhar aqui no hospital, nós os médicos... Não conseguimos mais trabalhar direito, pois esse maldito robô quer se meter em tudo o que a gente faz, alegando para a diretoria que consegue fazer tudo melhor do que nós humanos. E até foi dessa maneira que ela conseguiu o meu cargo e me rebaixou para clínico geral. Dá para acreditar nisso?... É simplesmente horrível trabalhar desse jeito.
- Nós já percebemos que a inteligência artificial quer nos substituir... – observa João – Só que não prevíamos que ela queria era no fundo nos escravizar, como estamos sendo agora.
- Pois é!... O mundo agora ficou totalmente refém dessa tecnologia e nos impediu de pensarmos por conta própria, como fazíamos antigamente – Enrico rememora aqueles bons momentos.

– Você conhece alguém que pode fazer essa cirurgia na gente? – pergunta Raul, notando que suas mãos estavam encharcadas de suor.

– Ele já foi desligado do hospital... o nome dele é Oswaldo... é um excelente neurologista; e eu inclusive, conheço um anestesista também... que por um milagre ainda trabalha aqui no hospital com a gente... o nome dele é Mauro.

– Excelente! – Se sente muito mais aliviado Raul.

– Agora só temos que saber aonde vocês irão poder nos operar? – pergunta Eliane, pensando em diversos locais alternativos.

– Que tal se for em meu apartamento?... – propõe Raul, mal vendo a hora de se livrar daquele maldito chip cerebral.

– Para mim está ótimo! – Destranca à porta Enrico, vendo que aquele segredo estava muito bem guardado em seus pensamentos – Agora só tenho que falar com os meus colegas de trabalho, ok?...

– E quanto a Graziela doutor?... – pergunta Vanessa se preocupando muito com o estado de saúde de sua amiga.

– Ela vai ficar bem... Mas foi por pouco eih?... Ela poderia ter lesado o seu coração e aí teríamos que fazer um coração artificial para ela na máquina de 3D. Eu não... à Lola!

– Não iria me perdoar nunca se isso acontecesse com ela... pois fui eu que tive a ideia de ela tomar o choque no chuveiro para virmos para cá – explica Raul ao coçar a sua cabeça em total embaraço.

– Para quando vocês querem a cirurgia? – pergunta Enrico mexendo em seu tablet.

– Pode ser para amanhã? – pergunta Eliane, se preocupando com a recuperação de sua amiga – Pois ainda não sabemos como a Graziela vai ficar ao acordar.

– Vou falar com os meus colegas e assim que eu tiver um retorno volto a falar com vocês, tudo bem?...

– Está ótimo! – responde Raul, torcendo para que aquele plano desse certo.

*

– Só falta um detalhe!... – Oswaldo coloca a playlist do Spotify com as melhores músicas de Beethoven naquela caixinha de som da JBL – Agora sim!

– Posso começar Oswaldo?... – pergunta Mauro já segurando aquela seringa da anestesia no meio daquela espaçosa sala de estar.

– Pode!... Leve o tempo que precisar! – Enrico observa a vertebra escolhida para a picada.

– Assim que eu conseguir retirar esse chip da cabeça de vocês, teremos poucos minutos para que o governo não desconfie de nada – informa Oswaldo, sentindo que estava um pouco mais tenso do que o normal, pois ele sabia que qualquer erro ele poderia ser preso ou até mesmo cassado.

– É só vocês colocarem esses chips nesse comportamento que eu criei na Lola... – avisa Raul, ao abrir a barriga de sua robô – Estão vendo só... Aqui há espaço para colocarmos até 11 chips. Na medida não?...

– Isso quer dizer que até os médicos poderão retirar os seus chips? – pergunta Ana Paula um pouco incrédula – Mas como eles vão fazer isso?

– É simples!... – Raul engole em seco, tentando esconder toda a sua insegurança – Teremos que aprender como é que tira esses chips da cabeça.

– Mas isso é impossível! – retruca Graziela – Pois qualquer erro poderá deixar sequelas irreversíveis, não acha doutor?

– É um risco que teremos que correr... – Responde Oswaldo, acreditando que aquela é a única alternativa para a liberdade.

– Vamos logo com isso então... – Graziela fecha os seus olhos para a picada em sua vertebra – E quem ficar observando, por favor... Aprenda o mais rápido possível, está bem?...

– Deixa comigo! – Raul cruza os seus braços como se aquilo representasse um sinal de atenção máxima – Serei o último!... Já que fui eu é que criei esse plano.

*

– O que eu faço com esse chip?... – Oswaldo retira aquele chip com todo o cuidado do mundo e imediatamente o coloca na barriga de Lola por indicação de Raul – O plano até agora está dando certo, viu Raul?...

– Agora faremos com que a Inteligência Artificial trabalhe à nosso favor... Lola?... Faz de conta que fomos transferidos para você, tudo bem?... – Raul começa a mexer em suas configurações tridimensionais esperando os chips finais

– Mas espere um momento... – Lucas aos poucos recobra a sua consciência – O governo não vai desconfiar que 11 pessoas estão fazendo a mesmas coisa nesse exato momento?

– É aí que você se engana Lucas... Peguei o GPS de vocês e coloquei em piloto automático no computador de Lola, pois assim, é como vocês estivessem todos separados, seguindo suas vidas rotineiramente – explica Raul, mexendo em mais algumas configurações que eram projetadas na parede.

– Mas e quanto a água e a comida?... – pergunta Eliane.

– Já estou programando todos os chips de vocês... Prestem atenção como se faz isso eih?...

– Raul tenta ir um pouco mais devagar do que o habitual – Pois no celular de vocês já tem a hora exata em que vocês comem, se exercitam, dormem, bebem água e assim por diante. Só estou programando tudo para que a Lola monitore pessoas fantasiosas. Me entenderam agora?

– Agora sim! – Lucas observa todos aqueles passos com muita atenção, pois ele sabia que iria sobrar para ele ter que retirar o chip de seu amigo depois.

– Agora eu vou retirar o chip do Enrico e do Mauro... – avisa Oswaldo, já tendo o conhecimento exato do ponto onde ele teria que aplicar a anestesia geral – Me observe aqui Raul!... Pois é nesse ponto aqui que você tem que me dar a injeção, viu só?...

– É só marcar com uma caneta... – Raul retira a blusa de Oswaldo e o marca na coluna – É aqui?

– Exatamente aí! – Oswaldo sente o rápido toque do bico da caneta em sua vertebra cervical.

*

– Quem irá fazer esse procedimento em mim? – pergunta Raul, temendo pela sua própria vida.

– Sou eu! – se aproxima Lucas o colocando de bruços na maca – Não se preocupe!... Vai dar tudo certo meu amigo... Entendi tudo certinho! É só colocar o seu chip aqui nesse último espaço que restou na Lola né?

– Exato!

–

– Minha mão até que tremeu um pouquinho mas eu acho que deu tudo certo... – Diz Lucas se sentindo muito mais relaxado ao colocar o chip naquele lugar e configurá-lo como o seu amigo pediu.

*

– Deu certo meu amigo! – Diz Lucas, percebendo que o seu amigo estava começando a abrir os seus olhos – Fiz tudo o que você me pediu!

– Deixa eu ver... – Raul se levanta com muito cuidado ainda se sentindo um pouco tonto
– Beleza!... Acho que você fez tudo certinho... Ela já configurou o itinerário de todos nós. Agora finalmente estamos livres.

– Alguém já te falou que você pode ser uma espécie de gênio do computador? – brinca Graziela, ao se lembrar do Vale do Silício.

– Ainda não... pois nunca fiz nada de útil para à Humanidade... – Raul solta uma enorme gargalhada de alívio – Mas isso vai mudar agora.

– Quer dizer que o plano deu certo?... Podemos fazer o que quisermos agora? – pergunta Ana Paula ainda sem acreditar naquilo.

– Podemos!

– E o que nós fazemos com os nossos celulares agora? – pergunta Eliane, com um certo receio de mexer nele.

– Já desbloqueie todos! – diz Raul secamente.

– Como assim? – pergunta Lucas deixando rastros de dúvidas no ar.

– Todos os celulares vêm bloqueados pelo governo, pois assim, eles podem nos monitorar e vigiar à distância, só que eu consegui desbloqueá-los – explica Raul ainda sentindo certas dores em sua cabeça por causa da operação.

– E o governo não tem como descobrir isso? – pergunta Enrico já recobrando à sua consciência.

– Não porque eu joguei o sinal dos celulares de vocês para a Lola. Então... É como se vocês ainda estivessem sendo monitorados.

– Só que são pessoas fantasmas, não é isso? – supõe Vanessa tentando entender aquele plano mirabolante.

– Exato! A Lola vai fazer o serviço de 11 pessoas fictícias, que serão monitoradas e vigiadas a partir do seu GPS. Só que nada disso vai ser real, entenderam agora?... – torna a explicar Raul, sentindo um enorme zumbido em seu ouvido.

– Então quer dizer que para o governo é como se nada disso tivesse acontecido? – pergunta Oswaldo se levantando bem lentamente daquela maca.

– Exato! Agora vocês estão começando a entender o meu plano... – diz Raul se sentindo muito cansado por toda aquela explicação.

– Você literalmente é um gênio! – diz Ana Paula começando a rir de toda aquela situação armada por uma só pessoa.

– E quando isso começar a se alastrar? – pergunta Mauro tocando levemente em sua cabeça dolorida.

– O que que tem? – pergunta Raul sem entender.
– Isso pode se tornar um movimento mundial, não pode?
– Tem razão.
– Então precisaremos de um nome para nos identificar... – propõe Mauro.
– Concordo com você! – diz Eliane.
– Que tal!... Rebeldes à Deriva! – propõe Raul de um jeito totalmente descontraído.
– Até que não é um nome ruim... – sorri Vanessa, achando graça da criatividade um pouco excêntrica de seu amigo – Mas por que esse nome estranho?

– Sei lá... Mas estou lendo o livro ‘Na estrada’ do escritor americano Jack Kerouac e estou simplesmente adorando... Ainda mais porque os personagens da história transpiram à tão sonhada liberdade pelas estradas dos Estados Unidos – explica Raul, já percebendo aquela expressão perplexa de seus amigos diante da inteligência do amigo – Não gostaram do nome?...

*

– Uma cerveja, por favor! – pede Raul ao garçom do bar.
– Mas senhor... Ninguém mais pode tomar cerveja, por aqui.
– Mas agora nós podemos!
– Como assim? – fica sem entender o Garçom.
– Muito em breve você saberá. Agora... Por favor!... Sirva uma rodada de bebida aos meus amigos aqui, por que hoje queremos comemorar.
– Com licença meu senhor... – se intromete naquela conversa o gerente do bar – Mas aqui nós não servimos mais cerveja. Sabe como é né?... Porque senão o governo vem até aqui e pode muito bem fechar esse estabelecimento.
– Peço perdão!... Então o que vai ser galera? – pergunta Raul aos seus amigos.
– Para mim pode ser uma jarra de suco de laranja – diz Graziela, tentando controlar os ânimos de seu amigo extrovertido.
– Uma água sem gás!
– Para mim pode ser com gás.
– Os sucos em jarra estão em promoção hoje... – comunica o garçom humildemente.
– Me vê um de Maracujá! – Pede Ana Paula.
– Outro de manga, por favor! – diz Lucas.
– Se quiserem mais alguma coisa é só falar... – se retira educadamente o gerente do bar junto com o seu garçom super atarefado em anotar todos aqueles pedidos sem errar.

- Pode deixar! – diz Oswaldo se sentindo em um estado total de liberdade.
- Aonde você está com a cabeça Raul?... – chateia-se com aquilo Eliane – Só porque agora somos livres, você não pode dizer tudo o que pensa para as pessoas.
- Só estava brincando ué... Vocês sabem há quanto tempo eu não tomo uma cerveja?... Desde quando esses robôs entraram em nossas vidas.
- Mas todos nós sofremos à mesma coisa também – adverte-o Enrico – A partir de agora teremos que medir as nossas palavras se quisermos que mais gente faça parte desse movimento, não acham?
- O movimento aqui está aumentando... – observa Tiago vendo a reação eufórica de Raul.
- Já podemos angariar mais alguns integrantes para o nosso movimento... – diz Lucas todo sorridente observando o vai e vem daquele bar.
- ótima ideia! – reage João tentando não demonstrar o seu medo diante daquela nova realidade.
- Deixa comigo... – Raul se levanta abruptamente e vai em direção ao balcão – Garçom!... Dá para colocar uma musiquinha aí?
- Mas é claro que sim! Me perdoe por isso sim?... Qual o tipo de música que o senhor vai querer?...
- Pode ser uma Bossa Nova das antigas... João Gilberto que tal?
- Tudo bem!... O senhor é quem manda.

Quando os primeiros acordes daquele estranho violão baiano ressoaram por aquele ambiente, todos que estavam em suas respectivas mesas fizeram um silêncio estrondoso como se aquele violão e aquela voz fosse muito mais importante do que qualquer assunto que saía por acaso naquelas mesas do bar. Porém, a rua infelizmente continuou a fazer estardalhaços com o romper dos pneus, buzinas e sirenes, para desgosto de João Gilberto.

- Peço a vocês um tempinho para me pronunciar, pode ser?... – Raul sobe em cima da mesa do balcão – Perfeito!... Então como eu ia dizendo... Gostaria de informar à todos vocês que eu e meus amigos aqui, acabamos de retirar os nossos chips cerebrais. Estamos Livres!... Temos à Liberdade à nossos pés agora.
- Vocês só podem estar ficando malucos!... A qualquer momento o governo vai vir aqui caçar todos vocês – analisa friamente uma mulher que estava encostada no balcão com o seu jarro de suco de laranja bem amargo.

– Mas é exatamente aí que você se engana minha amiga – sorri para ela Raul tentando paquerar – Nós nos transformamos em fantasmas para eles, pois pelo radar governamental estamos em casa agora.

– Mas como vocês fizeram isso? – pergunta uma outra moça um pouco mais simpática.

– Transferimos todos os nossos chips para que a Lola passe a tomar conta de pessoas inexistentes – explica brevemente Raul.

– Como é a sensação de ser livre? – pergunta um outro cara sentado em uma das mesas.

– É uma sensação magnífica! – Raul levanta as suas mãos para o céu, como se Deus fosse lhe dar um presente.

– Não ter mais que recorrer à qualquer tipo de tecnologia é algo que realmente não tem preço... – desabafa Mauro se sentindo muito feliz por ter deixado o seu celular na casa de seu amigo.

– Não sei como vocês fizeram isso e nem me interessa... Mas como o governo não chegou aqui até agora... Passo a confiar em vocês – se levanta um senhor com um copo bem fajuto de água em suas mãos – Pois não aguento mais ter que tomar remédios para precaver futuras doenças; ter que fazer dietas sem carboidratos e principalmente ter que fazer exercícios físicos todos os dias. Quero ser novamente livre para poder fazer o que eu quiser da minha vida.

E assim, todos que estavam naquele bar decidiram aceitar a proposta de Raul, que propôs a retirada daqueles chips cerebrais dos presentes no bar, com a condição que a palavra Liberdade estivesse de volta em seus dicionários rotineiros.

*

– Que tal se viajássemos como um grupo? – propõe Raul em seu apartamento.

– Até que não seria uma má ideia... – diz Mauro, já querendo há algum tempo sair daquela cidade.

– E para onde nós iríamos? – pergunta Enrico, ainda não se sentindo totalmente entrosado com aquelas pessoas.

– Aonde desse na telha ué!... – brinca Raul – Pois agora podemos ir aonde quisermos sem qualquer tipo de restrição tecnológica. Isso não é maravilhoso?... Já não uso o meu celular há algum tempo e nem pretendo mais usá-lo. Pois para mim perdeu o sentido e a graça também.

– Digo o mesmo! – diz Graziela, tentando se lembrar aonde tinha deixado o seu celular – Não quero mais me restringir a uma tela artificial, que controla a nossa vida 24 horas por dia.

É simplesmente horrível. Prefiro ser livre agora. Andar por onde eu quiser e pensar o que me der na telha também.

– Me lembro que ficávamos loucos para postar o nosso dia-a-dia nas redes sociais... como se aquilo fosse trazer a tão sonhada felicidade – observa Ana Paula, querendo destruir o seu celular.

– Isso quando nós não ficávamos esperando as famosas curtidas em nossas fotos ou até mesmo mais seguidores... Era horrível!... Não aproveitávamos quase nada de nossas vidas. Em qualquer lugar tinham pessoas olhando sempre para baixo, como se aquelas telas demonstrassem à total realidade da vida. Não sei como eu conseguia ficar tão acorrentada à tecnologia assim – reflete Vanessa.

– O meu celular, por exemplo... – Lucas contempla a bela vista da varanda – captava quantas calorias eu consumia por dia e quando eu extrapolava em alguma coisa à Lola vinha logo me impedir de comer mais, alegando que esse hábito era muito ruim para a minha saúde. Vejam só que absurdo isso!...

– As vezes fico pensando no motivo que nos levou à sermos escravos da tecnologia, sabem?... – começa a desabafar Enrico – Pois ainda me lembro como se fosse hoje... no momento em que criaram a Lola. Todos do hospital ficaram super eufóricos com a notícia, e numa questão de dias, ela já estava dentro do hospital controlando tudo... as cirurgias, os procedimentos, as consultas, até que enfim... Lola acabou roubando o meu cargo de chefe da Cardiologia e convencendo a diretora do hospital que eu não era mais necessário para o cargo em questão. Aí de uma semana para a outra eu fiquei desempregado, enquanto a minha Lola saía para trabalhar normalmente, me deixando em casa como um simples doméstico, que passou a depender financeiramente de um robô. Vê se pode um negócio desses!...

– Mas todos aqui passaram pela mesma coisa também... – Raul também se compadece daquela angustia – Imagina eu que sempre mexi com tecnologia?... E no dia em que eu fiquei sabendo da notícia da Lola, me lembro de ter ficado muito eufórico também. Mas depois tudo foi por água abaixo... e me vi na mesma situação que você. Mas me lembro de não ter desanimado não... Pois na outra semana eu já estava fazendo alguns experimentos que acabaram resultando em nossa liberdade.

– Não sei o que dizer ainda... Foram tantos anos de submissão tecnológica que às vezes acho que nem sei mais pensar direito – diz Tiago se decepcionando com ele mesmo.

– E agora?... Qual é o próximo passo? – pergunta Eliane sem saber o que iria fazer.

– Teremos que nos separar agora... – propõe Raul – Pois o Brasil é muito grande. E teremos que libertar o nosso povo, se quisermos que o nosso país retorne à ser um símbolo para a liberdade.

– Bem... Eu já ensinei à todos vocês como se retira o chip cerebral – observa Oswaldo.

– Eu também já ensinei como se dá a anestesia! – diz Mauro, começando a distribuir aquela solução diluída em pequenos frascos à seus colegas de equipe.

– E eu já ensinei como se coloca o chip cerebral dentro da barriga da Lola e a configura, não é?... – Pergunta Raul indo até o seu quarto para começar a fazer as suas malas – Então acho que é isso pessoal!... Acho que vocês devem fazer a mesma coisa que eu agora.

– Raul tem razão! – diz Graziela, ao olhar para o seu relógio de pulso – Pois daqui a pouco baixa aquele russo da serra aí eu quero ver a gente conseguir sair dessa cidade há tempo.

*

– Meu Deus!... Mas que fila é essa? – pergunta Graziela ao motorista do aplicativo.

– É o lançamento de um livro – diz o Uber muito bem informado em sua área.

– Mas quem é o escritor?

– Isso eu já não sei... Mas sempre quando tem essa fila enorme por aqui é porque tem um lançamento de algum livro nas redondezas.

– Obrigada! – Graziela puxa uma maçaroca de dinheiro do bolso e dá uns trocos à mais para o Uber.

Graziela analisa aquela fila dando voltas no quarteirão e se pergunta se é algum escritor ou escritora que ela pudesse ter lido na serra petropolitana. Ela até tenta ver se alguém na fila está segurando o livro, mas os braços cruzados daquelas pessoas esperando pelo andamento da lombria não deixam vestígio algum.

– Com licença!... É o lançamento de que livro? – pergunta Graziela, ao olhar para aquela enorme livraria que levava o nome de Travessa.

– A menina não sabe não é?... É a escritora portuguesa... a Juliana Albuquerque. A menina já leu alguma coisa dela?

– Infelizmente não! – responde Graziela, se sentindo um pouco decepcionada com ela mesma.

– Mas que pena!... Mas ainda dá tempo menina... Se quiser posso te colocar na minha frente e dizer que você é minha neta, o que acha da ideia?

– Você faria isso por mim?...

– Mas é claro que eu faria! Pois nos dias de hoje... Não é todo o dia que encontramos alguém que goste de ler, ainda mais no meio de tanta tecnologia, não é mesmo?

– Isso é verdade senhora! – Graziela fica toda contente por ter cortado aquela fila enorme.

– A menina é turista aqui no Rio é? – pergunta aquela simpática senhora.

– Sou sim!... Me mudei hoje para cá... Eu morava em Petrópolis – diz Graziela, ao adentrar à livraria.

– A menina vai gostar daqui... Tirando o calor e a periculosidade, o resto é simplesmente deslumbrante – diz a senhora.

– A senhora deve ler muito mesmo... – observa Graziela, ao escutar aquela estranha palavra para definir uma cidade perigosa.

– Temos que ler né?... Não temos escolha!... Ainda mais depois que colocaram esse chip em nossas cabeças para nos monitorar e vigiar em tudo o que fazemos. Nossos celulares acabaram virando a nossa nova religião. Ficamos totalmente escravizados com ele. A menina não acha?

– A senhora tem total razão! – diz Graziela já conseguindo avistar a tal escritora.

– Na minha época não era assim... Aí como era bom!... A gente não sabia aonde os artistas andavam, a não ser pelas revistas é claro. Mas hoje com as redes sociais e com esses robôs fazendo parte das nossas vidas, você apenas digita o nome do artista e sabe por onde ele passou, o que ele comeu, o que bebeu e com quem ele está atualmente. Perdeu toda a simbologia de ser artista. A menina a não acha?

– A senhora tem razão.

– Nome?... – Pergunta a escritora Juliana Albuquerque, presa na primeira página do seu livro, sem que conseguisse olhar para a fisionomia daquela pessoa perdida.

– Oi!... Meu nome é Graziela Ramos.

– Um momento... Aqui está! – a escritora lhe entrega o seu livro autografado com um enorme sorriso de satisfação em seu rosto.

– Muito obrigado! – Diz Graziela olhando para aquela caligrafia de médica.

– Você é jornalista? – arrisca a escritora tentando usar o seu sexto sentido.

– Sou sim! – fica totalmente perplexa Graziela, tentando descobrir qual tinha sido o sinal para aquela descoberta inesperada – Mas atualmente eu não estou exercendo a minha profissão pelos motivos óbvios, né?...

– Te entendo perfeitamente!... Tem algumas profissões que não podemos mais dar continuidade por causa de todos esses robôs, não é mesmo?... Me espere até eu terminar aqui que te dou uma entrevista pode ser?

– Para mim seria uma honra! – diz Graziela mal podendo acreditar naquelas palavras que acabara de ouvir.

*

– Posso te confessar uma coisa?... – Graziela balança sua cabeça em sinal de aprovação – Na verdade não fui eu que escrevi esse livro, sabe?... – confessa à escritora bem baixinho com receio que pudesse ter alguém à escutando – Usei o programa ChatGPT da empresa de inteligência artificial chamada OpenAI, dos Estados Unidos. O que vou fazer?... As editoras agora não estão mais aceitando livros feitos por humanos... É uma pena!... Agora a nossa profissão se restringiu apenas à revisar a obra feita por uma inteligência Artificial... Ver se tem algum erro gramatical... essas coisas. Os meus outros livros não... Foram feitos com o meu próprio punho mesmo, sabe?... Mas quando eu disse para a editora que eu estava produzindo um outro romance, me lembro que o conselho editorial me disse que não estava mais aceitando obras feitas por humanos, aí eu perguntei para eles:... E se eu fizer uma obra pela inteligência Artificial e colocar o meu nome?... Aí me lembro que eles me responderam que aceitariam, já que eu era uma autora da casa e tinha diversas obras já publicadas de sucesso. Aí pensei... Por que não?... Os royalties dos meus livros já estavam acabando mesmo... Aí fiz a minha conta no site dessa empresa americana e em apenas alguns segundos a obra estava prontinha na minha frente. Aí eu apenas editei a obra e entreguei para a editora avaliá-lo. E para a minha enorme surpresa a minha editora me disse que seria a melhor obra da minha carreira. Aí eu aceitei os termos e cá estamos.

– É uma pena que a sociedade esteja preferindo escolher uma máquina ao invés de um ser humano para produzir arte – reflete Graziela com um enorme aperto em seu peito.

– Mas o livro é realmente excelente, sabe?... As vezes até penso que talvez não tenha nada que se compare à ele, e o que é ainda pior... As vezes me pego pensando que eu nunca seria capaz de produzir um livro tão bom quanto esse, enfim... Por enquanto... Se eu não posso escrever, pelo menos eu consigo editar uma obra. Porque no fim de tudo, temos que pagar as nossas contas no final de mês, não é mesmo?...

– Você tem razão! Temos que nos adaptar as novas mudanças tecnológicas... – Graziela olha pra o seu relógio, como se estivesse atrasada para um compromisso – Acho que já consegui

tudo... Muito Obrigada!... Foi um prazer ter te conhecido senhorita Albuquerque... E boa sorte em sua nova carreira de editora artificial.

Graziela se levanta daquela cadeira com um sentimento de insegurança muito forte. Pois toda aquela liberdade que ela gostaria de passar adiante, não poderia ser transmitido assim tão facilmente.

As pessoas estavam muito envolvidas com a inteligência artificial e não seria fácil desvinculá-las disso. A ponto de todos retrocederem socialmente?... Nada disso! E ela precisava aprender à aceitar que nem todos estavam preparados para retirar seus chips cerebrais.

O único medo dela era se ninguém mais quisesse retirá-los por livre e espontânea vontade. Pois assim como os animais o homem também se adapta à qualquer tipo de condição se ele ficar exposto à ela por muito tempo. Por mais que essa condição estivesse deixando à sociedade totalmente escravizada por ela mesma.

6. A REALIDADE VIRTUAL

– Pode entrar Joaquim!... – diz a psicóloga Isis ajeitando o seu cabelo – Me conta como você passou a semana.

– Tive uma semana incrível, sabe?... Estou sendo reconhecido como músico na realidade virtual.

– Mas você nunca me disse que era músico?... Você então toca algum instrumento?

– Não! Não! Você não me entendeu... Minha vida pessoal ainda continua a mesma porcaria... Só que, por outro lado... a minha vida virtual está simplesmente fantástica.

– Mas me explica melhor como isso funciona?... – Isis pega o seu tablet para anotar algum distúrbio de personalidade que possa vir a aparecer ali.

– É a realidade virtual, ué... Você nunca soube como isso funciona, não?... São aqueles óculos que a gente coloca no rosto e automaticamente eles nos transportam para uma outra realidade alternativa, que aliás... é muito melhor que essa. Pois lá podemos ser o que quisermos... Basta você ter tempo e nada mais.

– Mas como por lá você é músico se na realidade, você não é? – se intriga com aquilo Isis.

– Sou cantor na realidade virtual é isso... Tenho uma banda de apoio que é muito boa – explica melhor Joaquim – Cada integrante é de uma nacionalidade diferente e além do mais... Posso até colocar à minha disposição uma orquestra sinfônica também. Isso não é incrível?...

– Então deixa eu ver se eu entendi... Nessa realidade virtual você é um cantor famoso, é isso?...

– Isso mesmo!... Temos um grupo de compositores que trabalha com a gente também... Aí nós nos reunimos para ensaiar e é aí que a magia da Bossa Nova acontece.

– Mas por que vocês não se reúnem pessoalmente? – pergunta Isis.

– Ia ficar muito caro... Já pensou todos esses músicos terem que viajar para um lugar em específico para ensaiar?... E ainda por cima com uma Orquestra sinfônica?... Todos acham melhor continuarmos desse jeito. É bem mais em conta e ainda por cima ainda conseguimos tirar um dinheirinho nisso tudo, não é incrível?...

– Vocês conseguem lucrar na realidade virtual? – pergunta Isis totalmente embasbacada com aquela revelação.

– E muito!... – Joaquim abre um enorme sorriso em seu rosto – Já estou conseguindo manter toda a minha família com esse negócio de cantar, sabe?... As instituições nos pagam em Pix ou moeda eletrônica.

– Moeda eletrônica?

– Criptomoedas!... Bitcoin!... Em que mundo você vive eih?... – brinca Joaquim – Não vai me dizer agora que você nunca escutou falar disso?...

– Há!... Sim! É claro...

– É que tem alguns locais na realidade virtual que a gente toca, que as instituições nos pagam com essas moedas eletrônicas ou até mesmo com o PIX mesmo. Viu só?... Não preciso nem sair de casa para ganhar dinheiro... – se vangloria Joaquim cheio de orgulho de si mesmo – Sabe como é né?... Desde quando abriram essa empresa em Petrópolis de inteligência artificial, muitos acabaram perdendo os seus empregos. Então a única alternativa que nós vimos para ganhar algum dinheiro foi com a realidade virtual, onde nós humanos podemos ser o que quisermos sem que os robôs nos incomodem com a sua sabedoria milenar.

– E o que a sua família acha disso? – pergunta Isis muito curiosa para saber.

– Eles no início não gostaram muito da ideia não... mas acredito que tudo é uma questão de adaptação social quando uma nova tecnologia entra no mercado, me entende?... Pois veja o início da criação da Lola, por exemplo, todos criticaram a ideia no início, mas agora em toda a casa tem uma robô como ela para sustentá-los. Isso sem contar esses chips cerebrais que instalaram em nossa cabeças também... no início todo mundo criticou e agora todos aceitaram serem monitorados e vigiados 24 horas por dia por prevenção e por aí vai... Mas eu acredito que a minha família só aceitou essa ideia quando eu tive que ir ao banco sacar o dinheiro que eu estava ganhando nessa realidade virtual, sabe?... Pois agora pelo menos a minha família me deixa em meu quarto o tempo que for preciso... Eu até estou tentando ensinar essa nova tecnologia para eles. Pois o meu pai é professor e a minha mãe é médica. Já pensou se eles começam a ganhar algum dinheirinho por lá também?... Nem íamos mais precisar sair de casa para tirar o sustento da família, pois apenas um robô não consegue manter todos os nossos luxos, me entende?...

– Compreendo perfeitamente! Pois para nós humanos é muito importante mantermos a nossa produção e criatividade em dia... – observa Isis anotando mais algumas coisas em seu tablet – Fico muito feliz que você esteja fazendo o que gosta Joaquim, até a semana que vêm, viu?... – Neste instante, Joaquim se levanta e sai pela porta a fora do consultório sem se despedir direito.

Joaquim ao chegar em casa, se esquece de cumprimentar os seus pais que estavam na cozinha conversando e vai logo para o seu quarto. Dentro daquele ambiente escuro, decide

trancar à porta para que não fosse incomodado, porque o seu ensaio já iria começar dentro de alguns instantes.

Por fim, Joaquim coloca os seus óculos de realidade virtual e se isola do mundo real.

Essa era a única maneira que os humanos encontraram para viver em uma realidade alternativa que não tinha a presença de nenhum robô enxerido que teimava em profetizar que a inteligência artificial era superior à inteligência Humana. Mas no fim das contas... Todos se perguntavam à mesma coisa... Será que esses robôs tinham a razão?

*

– Lola?... – Manuela entra pela porta um pouco esbaforida – Os Rebeldes à Deriva estão aqui.

– Ótimo!... Diz para eles me esperarem na sala de reuniões que já já falo com eles, tudo bem?...

– Deixa comigo! – Manuela fecha à porta e os encaminha até a sala de reuniões.

–

– Então... esses são os famosos Rebeldes à Deriva, eih?... – Lola entra pela sala de reuniões e conscientemente começa a contar os integrantes daquele grupo – onze integrantes!... Impressionante!

– Quem vai falar em nome do grupo? – pergunta Fernanda preferindo ficar em pé.

– Eu! – levanta a mão esquerda Raul – Eu assumo à total responsabilidade pelos meus atos. Pois afinal... Fui eu que convenci esse grupo a retirar esses chips cerebrais e a se livrarem de seus celulares também. Qualquer culpa que recaí em nós, deve primeiro recair em mim.

– Nós da empresa já sabemos de toda a história... – se prontifica à falar Lola, como se fosse fazer uma apresentação para um grupo de investidores – Não sei como vocês fizeram isso, e nem quem foi o principal responsável por isso ter se espalhado pelo mundo todo assim desse jeito tão rápido, mas aqui estamos nós agora.

– Foi tudo culpa minha!... – diz Raul um pouco sem jeito – Mas era a única maneira de nos libertarmos de vocês, pois todos esses robôs que vocês colocarem no mercado acabaram tirando o emprego da gente. Então não vi outra escolha à não ser sermos livres.

– Compreendo... – Lola o analisa friamente, como se fosse um policial – Então você resolveu ter a sua Liberdade de volta né?...

– Sim!

– Mas como vocês descobriram que a gente estava sem os nossos chips cerebrais? – pergunta Graziela tentando encontrar algum defeito naquele plano de seu amigo.

– Isso foi fácil!... Fácil até demais! Pois nós vimos no GPS de vocês que todos estavam indo trabalhar só que ninguém comparecia ao local de trabalho aí estranhamos o ocorrido – explica Patrícia mexendo ao mesmo tempo em seu notebook.

– O plano até que foi bom... Mas não demorou muito para que nós descobríssemos tudo... – analisa Pamela, sem tirar os seus olhos do notebook também.

– Mas e agora?... – se apavora Raul com as consequências daquilo tudo – Nós iremos ser presos pelo governo por isso?

– Mas é claro que não!... – começa a rir Manuela achando graça daquele senso de humor do colega – Isso até que foi bom pois vocês abriram uma porta que nós não estávamos olhando atentamente.

– Mas que porta? – pergunta Raul, não entendendo nada.

– A porta da Liberdade, ué... – responde Manuela – Nós esquecemos o principal nisso tudo.. que é o livre arbítrio de cada ser humano na terra. Pois sem ele, nós acabamos forçando que todos os seres humanos tenham as tecnologias que nós produzimos à baixo custo e nem sempre isso é legal... Muito obrigado por vocês terem aberto os nossos olhos em relação à isso. Por isso queremos propor à todos vocês uma nova oferta de emprego, topam?... – todos não vêm saída para aquilo e concordam com as suas cabeças um pouco preocupadas – Perfeito!... Queremos que vocês abram dentro dessa empresa um setor relacionado a realidade virtual.

– Mas a maioria daqui não sabe nada sobre o mundo da tecnologia, a não ser o Raul – argumenta Mauro um pouco aflito.

– Mas vocês podem muito bem trabalhar em suas especialidades, na realidade virtual – explica Lola, lhes apresentando alguns slides que se projetavam na parede.

– Então quer dizer que nós vamos conseguir operar por essa nova realidade? – pergunta Oswaldo olhando para o seu amigo Enrico que também era médico.

– Mas é claro que irão poder! As outras empresas de inteligência artificial também estão investindo nessa nova realidade virtual para que os humanos não fiquem sem emprego, pois assim a competição ficará maior entre as empresas do Vale do Silício – explica Fernanda.

– E terá vaga para todo mundo? – pergunta Ana Paula, com um certo medo de ser descartada.

– Mas é claro que vai... – sorri Simone, sentindo um certo grau de ingenuidade no ar – É como se fosse um segundo planeta... com água, comida, lugar para morar e trabalhar.

– Se for assim... Por mim está tudo bem... Mal vejo a hora de me sentir útil no mundo novamente – desabafa Ana Paula.

– Mas alguém se contrapõem a oferta de emprego? – pergunta Lola um pouco apreensiva.

– Não!... – responde Raul se impressionando com a estrutura tecnológica daquela empresa
– Pois acredito que o que todos mais querem aqui é produzir economicamente para a sociedade de alguma forma. Se sentirem úteis, sabem como é isso?...

– Então... mãos à obra!... Acho que precisaremos de onze óculos por aqui, por favor... –
Lola pede educadamente para as suas conselheiras que saem da sala imediatamente à procura de seus estoques finais.

*

Armando era um bon vivant do Leblon. Seus pais eram aposentados da Receita Federal, enquanto ele não queria trabalhar nem por reza braba. Dizia que era ruim ter que cumprir horários e compromissos.

Tomava o seu banho pela manhã e logo descia. Conversava com o porteiro do prédio educadamente por alguns minutos. Dizia que estava esperando esquentar à água do Leblon. Lá pelas 10 da manhã resolvia se despedir, deixando pai e mãe no apartamento, entretidos com a realidade virtual que não lhe agradava nenhum pouco.

Ainda estava se recuperando da retirada do chip de sua cabeça. Mas mesmo assim, não desanimava, fazia questão de bater ponto no bar do Ricardo todo o santo dia. Ainda mais agora que o governo tinha autorizado à liberdade novamente. Todos poderiam escolher se queriam viver dentro dessa realidade virtual alternativa ou dentro desse outro mundo tomado por robôs.

Armando preferia viver no mundo tomado por robôs que não comiam, não bebiam, não dormiam e que só trabalhavam dia e noite sem cessar. No início ele até confessava que era bem estranho viver desse jeito, mas depois logo se acostumou com a rotina de sua Lola, que todo o santo dia, o acordava com o bater da porta de seu apartamento, indo trabalhar. Pontualmente às cinco e meia da manhã.

Para quem não gostava de trabalhar, esse robô tinha sido a melhor coisa que inventaram desde os computadores, pensava consigo mesmo indo até o bar. Lola ganhava dinheiro para toda à família e em troca à família dava um monte de roupas lavadas e um cantinho para dormir para ela.

Alguns até começaram a querer algumas leis trabalhistas para esses robôs, mas o congresso logo negou, alegando que não eram cidadãos do mundo.

Nessas idas e vindas, Armando já tinha se acostumado com a presença de Lola em seu apartamento, e as vezes, até fazia um sexo bem rapidinho com ela. Pois Lola vinha ao final de cada mês trabalhado, com o seu salário toda contente por conseguir agradar os seus familiares, que ficavam felizes pelo robô ter feito hora extra e tudo.

Armando simplesmente adorava tudo aquilo. Gastava quase tudo no bar, pagando bebidas para os seus amigos. Tomava esporro dos seus pais quando chegava em casa um pouco alcoolizado e fedendo a bebida. Eles lhe diziam para economizar o dinheiro suado que a robô tinha ganhado com tanto sacrifício no trabalho. Mas de nada adiantava. Só depois de um certo tempo é que ele acabou aprendendo à guardá-lo com maestria e carinho à tira colo. Pagava bebidas só para alguns, os mais próximos e bagunceiros no salão.

– E aí Armando, como está o seu pai? – perguntava um.

– Está bem!... Ele acabou de me dizer pelo celular que daqui a pouco vai tomar um banho gostoso de mar – Diz Armando, tentando reproduzir com fidedignidade o que Clodoaldo tinha escrito para ele.

– Pede para ele dar uma passada aqui antes, viu?

– Até parece que você não sabe como ele é, né?... Primeiro o mar e depois a cerveja para se refrescar.

– Então tá bem!... Santo Clodoaldo! – brinca o garçom, ao servir uma bela tulipa de Chopp gelado à Armando.

– Obrigado Sidnei!

– O que me contas rapaz?

– Mada de novo não... tudo na mesma.

– E a sua mãe... a senhora Helen?... Já não à vejo há algum tempo. Está tudo bem com ela?

– Está sim!... Ela e o meu pai ficam enfiados naquela incubadora da realidade virtual, sabe como é?...

– E se sei!... É um vício mesmo esse negócio de tecnologia... O meu filho é DJ por lá. Está ganhando um dinheirão por lá.

– Todos ganham muito dinheiro por lá... – observa Armando, vendo os transeuntes passar para um lado e para o outro da rua, não conseguindo distinguir aqueles que eram robôs do resto do povo.

– Mas e quanto à você?... – Pergunta Sidnei – Não se interessa por nada lá não?...

– Me interesse somente pela vida bem vivida e nada mais... – Armando abre um enorme sorriso de vagabundo bem identificável – Sei lá... Acho que já deu a minha hora... Fui!

– Não vai esperar o seu pai, não?...

– Acho que não!... Ele à essa hora deve estar jogando um futevôlei na praia enquanto eu estou aqui bebendo.

– Vê lá se você não vai perder o seu celular eih? – o alerta Sidnei, reparando que Armando ia deixá-lo ali em cima da mesa ao lado da tulipa de Chopp.

– Se eu o perder que mal tem?... – brinca com aquilo Armando, voltando em passos lentos para pegá-lo de volta.

– Como você pode ser tão desprendido da tecnologia assim meu rapaz?

– Estou sempre à espera do acaso meu irmão... Está pensando o que eih?... Não me deixo ser ditado por esse aparelho de tela preta não. Eu eih!

Passados alguns minutos, Armando finalmente encontra o seu pai jogando futevôlei na praia. Ele deixa o seu celular enfiado em um pequeno castelo de areia, feito por uma criancinha que estava na praia brincando com suas ferramentas de plástico. Enquanto resolve dar um pulinho no mar salgado para se refrescar.

– Oi Andréia! – diz Armando ao retornar da água.

– Oie!... Estou aqui admirando esses rapazes jogar – solta uma enorme gargalhada Andréia.

– Rapazes?... Escutei bem?... É isso mesmo? – Armando abre um enorme sorriso em seu rosto, lembrando aqueles comerciais de pasta de dente.

– Ué!... Olha só como eles não deixam a bola cair... Parecem até um bando de ex-jogadores profissionais.

– O que te trás aqui? – pergunta Armando.

– Cansei de tudo, sabe?... Estou em uma fase que eu gosto de ficar vendo as ondas quebrar e nada mais... O mundo ficou muito chato com todos esses robôs, óculos virtuais, curtidas em redes sociais e não sei mais o que que essas empresas vão inventar para escravizar ainda mais a gente, sabe?...

– Você tem razão!... – Armando observa o seu pai matar aquela bola difícil no peito como se fosse o Zidane – Primeiro eles nos oferecem a robô Lola, depois eles nos obrigam a colocar esses malditos chips em nossa cabeça, depois nos dizem para adentrarmos nesse mundo da realidade virtual. E agora o que vai ser eih?... As vezes fico curioso para saber.

– Você ficou sabendo desse grupo... os Rebeldes à Deriva?... – Pergunta Andréia, sentindo o seu rosto corar, quando aqueles olhos azuis não desviavam de sua atenção – Acha que eles estavam com a razão?

– Não sei te dizer ao certo, sabe?... Mas no início acho que eles estavam sim. Queriam a nossa liberdade de ação e de escolha novamente, mas depois eles acabaram se associando com aquela empresa de Inteligência artificial em Petrópolis e acho que tudo desandou... Aonde já se viu querer que nós vivamos em uma realidade virtual 100% do nosso tempo. Eu eih!... Prefiro ficar vivendo nesse mundo cheio de humanoides do que em um mundo totalmente fictício. E você?

– Até que estou gostando dessa nova era onde os robôs trabalham para a gente, enquanto nós ficamos de bobeira, podendo optar pela realidade virtual ou não, você não?...

– Mas é claro!... É maravilhoso mesmo... – diz Armando, percebendo a presença de alguém lhe fazendo sombra.

– Oi gente!

– Monique!... Mas que surpresa! – diz Andréia, se levantando logo para abraçá-la.

– Acho que a partida acabou! – observa Armando vendo o seu pai se banhar no chuveiro.

Dito e feito. Assim que o Clodoaldo percebeu a presença de Monique na praia, foi logo se despedindo da sua rapaziada. Disse que o seu filho estava lhe esperando para tomar um chopp bem gelado na orla. Mas o que ele não contava, era que o boato de seu caso com a Monique já estava se espalhando pelo Leblon e arredores. Porém, sem muito estardalhaço, é claro; pois Helen era uma mulher muito discreta e sofisticada, em tudo o que fazia. E ela não queria em hipótese nenhuma que o seu nome caísse na boca do povo, como se fosse uma protagonista de novela famosa, mas enfim... já era tarde demais, não acham?

– Meu pai está vindo aí... – diz Armando, vendo-o encolher um pouco a sua barriga de chopp para não dar na telha à sua idade – Fala paizão!

– E aí filhão! – Clodoaldo dá uma rápida piscadela para Monique, como se ninguém tivesse notado – Gostou do meu show hoje, eih?...

– Exibido! – sorri para ele Monique – Por que os homens sempre ficam bestas na frente das mulheres?

– Eu sei lá! – começa a gargalhar Andréia – Eu já gosto de ver a disposição da terceira idade.

– Terceira idade?... Pera lá!... Desde quando quem tem 65 anos é dessa faixa social? – brinca Clodoaldo.

– Já ficaram sabendo das novidades do governo agora... – Clodoaldo ajuda a segurar as mãos de Monique, para que ela pudesse se levantar daquele montinho de areia.

– Não! O que foi?... – Pergunta Armando.

– De acordo com as novas leis trabalhistas agora... O governo decidiu que os robôs poderão trabalhar apenas quatro dias na semana se quiserem. Isso não é um absurdo?...

– Discordo de você meu amor... – reage Clodoaldo, vendo a expressão de indignação de sua amante – Eles já trabalham muito, não acham?... Dia e noite sem parar. Acho que esses quatro dias já equivalem à semana toda trabalhada, ainda mais se for comparar com a gente que come, dorme e descansa, não acham?... Eles não têm nenhum tipo de intervalo o ano todo. Isso é um absurdo! Nem férias nem nada... Tudo bem que eles ganham dobrado por trabalharem à noite toda também, mas por outro lado ninguém dá um refresco para eles. Isso é um absurdo! Eles merecem isso e muito mais.

– Meu pai tem razão!... Agora pelo menos eles vão poder folgar 3 dias, para se aprimorarem em Deus sabe o quê... – ri descontroladamente Armando.

– Vocês não acham que estão dando muito na pista, não?... – pergunta Andréia, se preocupando com aquele relacionamento extraconjugal do pai de seu namorado.

– Helen não reclama de nada... – debocha daquilo Clodoaldo, pegando mais forte na cintura de Monique – E olha que ela mantém um caso com o severino há muito mais tempo do que eu.

– Severino?... O motorista?... – Pergunta Monique, ficando com o mesmo semblante de surpresa do que todos ali.

– E de quem seria?... – sorri Clodoaldo, tentando atravessar aquela rua com a sua amante, como se suas mãos fossem o seu próprio amuleto – E além do mais lhe falei hoje cedo para assumir logo esse romance de uma vez por todas, porque senão o seu nome vai ficar mais falado do que tema de novela. Se já não é né?...

– Como assim assumir pai?... – Armando começa a ficar muito preocupado com a reputação do nome de sua mãe no Leblon.

– Você não tá sabendo não?... Sua mãe resolveu tomar uma cerveja com a gente hoje no bar do Ricardo... levando à tira à colo o Severino... Mal posso esperar para ver a reação das pessoas nas imediações.

– Vocês só podem estar ficando malucos mesmo... – se enfurece com aquilo Armando – Às vezes penso que essa realidade virtual não está fazendo nada bem para vocês.

– Se eu te contar todos os absurdos que eu e sua mãe vemos por lá... Acredito que nem à Andréia que é toda certinha iria acreditar muito em mim – Clodoaldo começa a rir sozinho, como se estivesse vendo um show de stand up.

– Bem vindos à Pós Modernidade! – diz Monique, já conseguindo avistar o casal mais falado do Leblon.

– Prefiro acreditar na Modernidade Líquida agora... – rebate Clodoaldo, se sentindo um pouco enjoado de tanto ler a obra do sociólogo polonês Zygmunt Bauman – Onde os relacionamentos não se solidificam e nem se materializam.

– Só temos o hoje para saber como foi, como é e como será, daqui para a frente... – reflete em voz alta Andréia, vendo aquelas expressões perplexas em sua volta

E assim, aquele pequeno grupo do Leblon, resolveu curtir aquele dia sem fotos ou curtidas em postagens nas redes sociais. Enquanto que a má fama resolveu ficar por ali mesmo, à espreita de um novo dia, que seria regido pela vida pessoal de cada um, sem que fosse preciso recorrer à qualquer tecnologia para se sentir amado ou idolatrado por uma nova realidade virtual de uma inteligência artificial.

FIM